



Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Percepções sobre o Acolhimento Residencial de Fratrias:
Experiências de profissionais, crianças e jovens

Maria Sofia da Cal Silveira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Intervenção Comunitária e Protecção de Menores

Orientadora:
Doutora Carla Moleiro, Professora Auxiliar
ISCTE-IUL

Junho, 2009

Agradecimentos

Expresso a minha gratidão:

À professora Carla Moleiro pela orientação, empenho e disponibilidade que tornaram possível a concretização deste trabalho;

Às professoras Margarida Garrido, Manuela Calheiros, Paula Castro e Helena Carvalho pela colaboração-crítica nas Sessões de Seminário de Investigação e pelas aulas de Análise de Dados Qualitativos e Métodos Avançados de Análise de Dados, respectivamente;

À disponibilidade e colaboração dos Directores, Técnicos e Educadores dos sete Lares de Infância e Juventude que constituem as amostras dos dois estudos;

À colaboração e paciência das crianças e dos jovens que partilharam as suas vivências comigo e a quem devo o tema desta tese;

Aos colegas do Curso de Mestrado pela companhia, incentivo e crítica construtiva;

Aos meus pais, irmão e amigos de sempre pelo apoio e paciência demonstrados ao longo deste percurso de investigação;

À Dra. Ana Alexandra Carvalheira pelas palavras de reforço positivo.

Resumo

Esta investigação incide sobre o acolhimento residencial de fratrias em Lares de Infância e Juventude. As políticas de acolhimento enfatizam a promoção do acolhimento de irmãos, embora a literatura demonstre que as decisões técnico-profissionais a este nível se baseiam mais em circunstancialismos práticos do que numa avaliação das necessidades e das relações fraternas.

Através de dois estudos de carácter exploratório pretendeu-se caracterizar as ideias e experiências dos profissionais de Lar, e das crianças e jovens acolhidos, sobre o acolhimento de irmãos.

No estudo 1, participaram 20 profissionais de 4 Lares e optou-se pela realização de grupos focais sobre o positivo e negativo do acolhimento de fratrias e os critérios reais e ideais de tomada de decisão sobre a colocação em Lar. A *protecção* entre os irmãos surgiu como importante aspecto positivo do acolhimento conjunto, e os *conflitos* e os *projectos de vida diferentes* foram identificados como principais pontos negativos do mesmo. Os critérios reais identificados foram, maioritariamente, de ordem prática, confirmando a literatura.

O estudo 2 envolveu 26 crianças e jovens, cujo primeiro acolhimento foi com (n=14) ou sem (n=12) irmãos. Através de entrevistas individuais, a *tristeza* de viver sem irmãos foi a emoção mais reportada pelas crianças. Ao contrário do grupo acolhido sem irmãos, o grupo com irmãos não referiu nenhum aspecto negativo no acolhimento conjunto. A *protecção* fraterna no Lar surgiu como uma categoria importante.

Realçam-se os paralelos encontrados entre as duas perspectivas com fundamento teórico na literatura e discutem-se implicações para as políticas de acolhimento de fratrias.

Palavras-chave: Acolhimento residencial; crianças e jovens; fratrias; suporte social.

PsycINFO Classification Categories and Codes da Associação Americana de Psicologia:

2956 Childrearing & Child Care

3373 Community & Social Services

Abstract

The scope of this research is the residential care of siblings in out-of-home care. The residential care policies stress the encouragement of siblings' placement, even though the literature shows that the professional technical decisions on this regard are based more on practical circumstances than on an evaluation of the specific needs of siblings' relationships.

Through two studies of an exploratory nature, it was intended to characterize the experiences of children and adolescents' residential care professionals on siblings placement.

In study 1, 20 professionals of 4 residential care units participated in focus groups on the positive and negative aspects of siblings' placement, as well as on the actual and ideal criteria for the decision making concerning placement. One important positive aspect of siblings' placement identified in the course of the study was protection between siblings, whereas *conflicts* and *different life projects* were identified as negative aspects. The criteria taken into account in the decision making process were, mainly, of a practical nature, confirming the literature.

In study 2, 26 children and adolescents were involved on study 2. Fourteen of them were placed with siblings and 12 without. The emotion mentioned the most by children and adolescents of both groups, when individually interviewed, was sadness of living without their siblings. Opposite to the group placed without siblings, the group placed with siblings did not refer any negative aspects of the joint placement. The protection between siblings in the residential care unit was, once again, mentioned as an important issue.

The common features between the two perspectives are emphasized and the implications for siblings' placement are argued.

Keywords: Residential care; children & adolescents; siblings; social support.

PsycINFO Clasification Categories and Codes of the American Psychological Association:

2956 Childrearing & Child Care

3373 Community & Social Services

Índice

1. Introdução

1.1. A institucionalização em Portugal	1
1.2. Enquadramento jurídico	2
1.3. O impacto do acolhimento nas crianças e jovens	3
1.4. As relações fraternas	5
1.5. O acolhimento de fratrias	6
1.6. Importância da manutenção da fratria intacta em acolhimento	9
1.7. Factores associados à separação de irmãos	12
1.8. Teoria da vinculação como suporte teórico da investigação	17
1.9. Objectivos do estudo	18

2. Método - Estudo 1

2.1. Amostra	20
2.2. Instrumento	22
2.3. Procedimento	24

3. Resultados - Estudo 1

3.1. Percepção dos pontos positivos no acolhimento de fratrias	26
3.2. Percepção dos pontos negativos no acolhimento de fratrias	32
3.3. Critérios reais na decisão de acolher fratrias	37
3.4. Critérios ideais na decisão de acolher fratrias	40
3.5. Conclusão – Estudo 1	41

4. Método - Estudo 2

4.1. Amostra	42
4.2. Instrumentos	44
4.2.1. Entrevistas	44
4.2.2. Questionário de Apoio Social (QAS)	46
4.3. Procedimento	47

5. Resultados - Estudo 2

5.1. Entrevistas	49
------------------	----

5.1.1. Primeiro dia de acolhimento	49
5.1.2. Dia/evento importante em acolhimento	53
5.1.3. Estar com os irmãos no acolhimento	56
5.1.4. Estar sem os irmãos no acolhimento	60
5.2. Questionários	64
5.3. Conclusões – Estudo 2	66
5.3.1. Entrevistas	66
5.3.2. Questionários	67
6. Discussão	68
7. Referências bibliográficas	76
8. Anexo	

Índice de tabelas

<i>Tabela 1.</i> Amostra de Lares	20
<i>Tabela 2.</i> Amostra de técnicos	21
<i>Tabela 3.</i> Guião dos grupos focais	Anexo
<i>Tabela 4.</i> Esquema da análise de conteúdo do estudo 1	26
<i>Tabela 5.</i> Pontos positivos no acolhimento de fraternias relativamente às crianças	27
<i>Tabela 6.</i> Pontos positivos no acolhimento de fraternias relativamente às famílias	30
<i>Tabela 7.</i> Pontos positivos no acolhimento de fraternias relativamente aos técnicos	31
<i>Tabela 8.</i> Pontos negativos no acolhimento de fraternias relativamente às crianças	32
<i>Tabela 9.</i> Pontos negativos no acolhimento de fraternias relativamente aos técnicos	34
<i>Tabela 10.</i> Critérios reais na decisão de acolher fraternias	37
<i>Tabela 11.</i> Critérios ideais na decisão de acolher fraternias	40
<i>Tabela 12.</i> Caracterização socio-demográfica da amostra de crianças e jovens	43
<i>Tabela 13.</i> Guião das entrevistas	Anexo
<i>Tabela 14.</i> Primeiro dia de acolhimento	49
<i>Tabela 15.</i> Dia/evento importante em acolhimento	53
<i>Tabela 16.</i> Estar com irmãos em acolhimento	56
<i>Tabela 17.</i> Estar sem irmãos em acolhimento	61
<i>Tabela 18.</i> Resultados descritivos do Questionário de Apoio Social (QAS)	64
<i>Tabela 19.</i> Diferenças de médias entre as crianças acolhidas com ou sem irmãos	65

1 – Introdução

1.1. A institucionalização em Portugal

O regime institucional surgiu em muitos países, e entre eles em Portugal, como forma de resposta a situações de pobreza, orfandade e abandono de crianças e, por outro lado, para acolher os estudantes da população rural com fracos recursos e as crianças e jovens com comportamentos desviantes. À institucionalização de crianças e jovens cabia um papel de beneficiência e não um trabalho social que encarasse esta medida como uma alternativa temporária, impossível de se substituir às famílias (Zurita & Fernandez del Valle, 2000).

Em Portugal, a reforma do sistema de acolhimento de crianças e jovens teve início na década de -80, no sentido de tornar os "grandes orfanatos" em residências vocacionadas para proporcionar às crianças e jovens acolhidos uma vida mais próxima da familiar. Este desiderato passa pelo estabelecimento de laços afectivos e emocionais com os técnicos e com os pares que constituem a sua nova família, assim como a manutenção ou restabelecimento dos vínculos com as famílias de origem, numa lógica de inclusão na comunidade envolvente, participando em actividades que esta comunidade lhes disponibiliza (Ministério do Trabalho e da Solidariedade, 2000).

A inserção significativa da criança e dos seus problemas no contexto da família e do meio sócio-cultural de que provém, e o entendimento das suas dificuldades como sintoma de dinâmicas relacionais disfuncionais, bem como mudanças teóricas decorrentes da adopção das perspectivas ecológicas e sistémicas motivaram transformações de relevo nas concepções e práticas no panorama do acolhimento residencial (Martins, 2004). De acordo com alguns autores, pos-se fim ao modelo assistencialista e indiscriminado e promoveu-se um modelo educativo onde as competências ao nível emotivo-relacional e as necessidades básicas de socialização foram valorizadas. Na mesma linha de análise, apostou-se na especialização e na multidisciplinariedade dos técnicos que lidam diariamente com as crianças e jovens acolhidos em residências, atendendo à complexidade das problemáticas que apresentam a diferentes níveis do seu desenvolvimento (Zurita & Fernandez del Valle, 2000; Ochotorena & Madariaga, 2001).

As práticas residenciais ou institucionais, na opinião de Zurita e Fernandez del Valle (2000), devem ser orientadas pelas necessidades individuais das crianças, tratando-as como seres únicos e respeitando a sua identidade, dando-lhe a conhecer os seus direitos e os da sua família, numa lógica de respeito pela sua dignidade (Zurita & Fernandez del Valle, 2000).

1.2. Enquadramento jurídico

“A medida de acolhimento em instituição consiste na colocação da criança ou jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações e equipamento de acolhimento permanente e de uma equipa técnica que lhes garanta os cuidados adequados às suas necessidades e lhes proporcione condições que permitam a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral”, segundo o artigo 49.º da Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Risco (LPCJ).

De acordo com o artigo 20.º da Convenção dos Direitos da Criança (CDC), a colocação em Lar é a última oportunidade de protecção e assistência que o Estado tem para assegurar o desenvolvimento integral da criança e do jovem, tendo em conta o seu interesse superior. Quer a CDC quer a LPCJ defendem, em primeira linha, o princípio da não separação entre crianças e seus pais, excepto nas situações de confirmada insegurança para a sua integridade e bem-estar. Importa referir que o artigo 9.º da CDC defende que “os Estados Partes deverão zelar para que a criança não seja separada dos pais contra a vontade dos mesmos, excepto quando (...) as autoridades competentes determinarem, em conformidade com a lei e os procedimentos legais cabíveis, que tal separação é necessária ao interesse maior da criança”. No mesmo sentido, o artigo 4.º da LPCJ estabelece que, perante uma situação de perigo, a interferência na vida da criança e da sua família terá de ser feita “na medida do que for estritamente necessário” à remoção da situação de perigo, reforçando a importância da responsabilização da família na assumpção dos seus deveres parentais (Alves, 2007). O Decreto-Lei n.º 2/86, de 2 de Janeiro define os princípios básicos e essenciais a que devem obedecer os três níveis de acolhimento em Portugal: o acolhimento de emergência, cujo período máximo de permanência serão 48 horas; o acolhimento temporário, cujo período máximo de

permanência serão 6 meses e o acolhimento prolongado, por mais de 6 meses, em Lares de Infância e Juventude (Alves, 2007).

A LPCJ ao caracterizar as instituições de acolhimento teve em conta que às crianças e jovens, a quem não restou alternativa diferente do acolhimento prolongado, deverá ser assegurado o direito ao desenvolvimento integral e pleno das suas capacidades físicas e psicológicas. Com base neste desiderato, o legislador refere que os Lares devam ser organizadas em unidades que favoreçam uma relação afectiva do tipo familiar, uma vida diária personalizada e a integração na comunidade (artigo 53.º, n.º 1 da LPCJ).

1.3. O impacto do acolhimento nas crianças e jovens

Os primeiros estudos sobre os efeitos que a institucionalização tem no desenvolvimento infantil remontam aos trabalhos de Spitz (1945) e de Bowlby (1951). É importante notar que nas últimas décadas, o contexto institucional sofreu enormes alterações, referidas supra, e sente-se uma inegável lacuna ao nível de estudos baseados na realidade actual (cit. in del Valle, 1998).

Um aspecto importante dos estudos sobre o impacto da passagem por uma instituição na criança ou jovem é a dificuldade em determinar se os problemas de comportamento frequentemente identificados se devem ao acolhimento ou ao historial familiar e social que o precedeu, ou mesmo a aspectos genéticos (Roy, Rutter & Pickles, 2000). De uma maneira geral, a investigação concluiu que as crianças e jovens que vivenciaram experiências de retirada familiar tendem a apresentar elevados níveis de problemas emocionais e comportamentais, nomeadamente, hiper-actividade e fraca capacidade de socialização (Roy et al., 2000). A incapacidade de concentração, baixa popularidade entre pares, baixo rendimento escolar, agitação, carência afectiva e medos são alguns dos problemas apontados por Goldfarb (1945) nestas crianças. Por outro lado, e não muito distante do referido, Tizard e Hodges (1978) apontaram como problemáticas mais frequentes a necessidade de chamar a atenção e a indisciplinabilidade (cit. in Roy et al., 2000). Podem acrescentar-se os problemas na vinculação, como a falta de vinculação selectiva nas relações, a baixa auto-estima, problemas de desenvolvimento a vários níveis (ex: físico, motor, cognitivo, sócio-emocional), a agressividade, a revolta e a

insubordinação, a falta de limites, entre outros (Roy et al., 2000).

O facto de o acolhimento institucional ser considerado por muitos especialistas e técnicos da protecção infantil um último recurso, não o torna num recurso necessariamente negativo, podendo até constituir a solução mais adequada em casos transitórios ou de curta duração, visando o regresso à família (Ministério da Justiça e Ministério do Trabalho e da Solidariedade, 1999 cit. in Martins, 2004). Apesar de todos os impactos negativos referidos, as residências, porque proporcionam um tipo de experiências sociais e colectivas, podem ser muito positivas, especialmente para os adolescentes, na medida que lhes facilitam a formação e a manutenção de relações com jovens de várias idades e com outros adultos, sem que tenham que fazer muito esforço. Proporcionam-lhe ainda sentimentos de contributo para o bem-estar do grupo no qual se inserem, de sensibilidade para com o outro, ensinando-lhe rotinas e formas de vida negociadas por todos. A sua integração na residência pode ainda favorecer a identificação das crianças e jovens com o grupo e o desenvolvimento da sua própria identidade (Ochotorena & Madariaga, 2001).

Os cuidadores sensíveis e atentos às necessidades das crianças e jovens, com respostas consistentes e afecto positivo, potenciam em grande medida a sua adaptação ao novo Lar. Claro que para o processo de adaptação ser bem sucedido concorrem variáveis como a idade da criança - admite-se que para menores de 12 anos é aconselhável outra resposta social, como o acolhimento familiar (Skinner, 1992 cit. in Ochotorena & Madariaga, 2001) ou mesmo a adopção - as características hereditárias, eventuais défices, o tipo de relação que mantinha com os anteriores cuidadores, e todo o ambiente social e familiar em que se inseria antes do acolhimento. A manutenção dos contactos com a família após a retirada é outro dos factores essenciais para um bom desenvolvimento da criança dentro da residência e para um impacto menos negativo (Ochotorena & Madariaga, 2001).

Na opinião de alguns autores, para muitas crianças e jovens o acolhimento representa um “alívio momentâneo” de situações de crise continuada e é a única forma de lhes proporcionar segurança e afecto, pelo que deve ser visto como um contínuo nos serviços de protecção à infância e não como um último e pior recurso (Ochotorena & Madariaga, 2001). Bullock (1999) entende que o acolhimento residencial constitui um

direito das crianças ou jovens, sempre que o seu superior interesse o determine e são inegáveis os progressos que se têm vindo a verificar neste sector (cit. in Martins, 2004).

1.4. As relações fraternas

Independentemente das crianças estarem ou não em acolhimento residencial, poucos autores se têm dirigido ao estudo da qualidade das relações fraternas (Furman & Buhrmester, 1985), apesar de, já nos anos -60, se ter percebido que os laços fraternos na vida da criança são comumente precedidos apenas pelos laços parentais (Irish, 1964 cit. in Furman & Buhrmester, 1985). Nos anos -80 a investigação voltou a sua atenção para a influência das relações fraternas no desenvolvimento das crianças e concluiu que a variabilidade neste tipo de relações resulta de uma complexa interacção de factores como o género, o temperamento, os anos de diferença, a ordem do nascimento, entre outros. Além disso, teve-se em conta que estas relações se integram no sistema familiar pelo que são influenciadas pelos comportamentos dos pais, pela qualidade da relação conjugal dos mesmos e pelos conflitos no seio da família (Stoneman & Brody, 1993). Apesar de, ao longo dos anos, vários estudos (e.g. Furman & Buhrmester, 1985) se terem debruçado sobre a qualidade das relações fraternas (afecto, poder e conflito) tentando perceber a sua relação com a “*constelação familiar*”, a literatura continua pouco clara relativamente ao impacto que as variáveis supra enunciadas têm nas relações entre os irmãos. Contudo, são de salientar alguns aspectos que surgem com notável consistência nestes estudos, como a relação entre os conflitos fraternos com elevados níveis de conflitos e discórdia conjugal (Patten, 2000). Por outro lado, os laços entre irmãos podem-se intensificar face à insuficiência ou indisponibilidade do cuidado parental. Todas estas associações dependem das atitudes dos pais e das personalidades das crianças (Bank & Kahn, 1997).

Percebe-se na literatura uma grande diversidade na qualidade e nas características das relações entre irmãos, podendo ser igualitárias ou assimétricas, com maior ou menor proximidade emocional, harmoniosas ou conflituosas, cooperantes ou competitivas (Furman & Buhrmester, 1985). As relações fraternas têm sido apontadas, por vários autores, como as relações mais longas na vida do ser humano, ultrapassando, em termos de durabilidade, as relações parentais e conjugais (Bank & Kahn, 1997). Irmãos e irmãs

podem ser fonte de companhia, ajuda e apoio emocional e os irmãos mais velhos podem surgir na vida dos mais novos como cuidadores, professores ou modelos, compensando a ausência ou a distância parental. Na interação com os irmãos, as crianças podem adquirir muitas competências sociais e cognitivas, consideradas centrais para um desenvolvimento saudável (Furman & Buhrmester, 1985). Como os irmãos tendem a passar largos períodos de tempo juntos como companheiros de brincadeiras, não surpreende os autores que as suas relações influenciem a aprendizagem social e cognitiva (Azmitia & Hesser, 1993).

Outra área de consenso na literatura liga-se com a evidência de que as diferentes formas de tratamento e as preferências dos pais em relação aos filhos surgem associadas a relações fraternas com mais rivalidade, maior conflito e mais evitamento (Boer & Dunn, 1992 cit. in Adoption Network, 2009). Segundo Newman (1994), o conflito entre os irmãos é comum e é o nível de equilíbrio entre este conflito e o apoio e afecto existente na relação que parece determinar o efeito que os conflitos têm nas crianças. Se houver equilíbrio entre ambos, as crianças têm demonstrado mais competência social e maior controlo emocional do que as que têm relações fraternas marcadas por elevados níveis de conflito e baixos índices de afecto (Bigelow, Brian, Tesson, Geoffrey & Lewko, 1996 cit. in Adoption Network, 2009).

As crianças crescem numa rede de relações com pais, irmãos, avós e amigos e a psicologia do desenvolvimento tem concluído que a carga genética enfatiza diferenças entre os irmãos e o seu desenvolvimento intelectual. Contudo, aspectos relacionados com o ambiente familiar também concorrem para estas diferenças (Rowe & Plomin, 1981; Scarr & Grajek, 1982 cit. in Dunn, 1983). Conclusões como esta levaram ao estudo das relações fraternas em contexto de acolhimento, na medida em que, já não seria o ambiente familiar a influenciar a relação entre irmãos mas sim o ambiente em Lar de Infância e Juventude e todas as suas consequências.

1.5. O acolhimento de fratrias

Foi a partir da 2.^a Guerra Mundial que a investigação começou a estudar os efeitos da separação dos pais nas crianças, enfatizando a importância da estabilidade no acolhimento,

quando inevitável a retirada da criança do seio familiar. Contudo, os investigadores pouco se debruçaram sobre o significado das vinculações e separações fraternas (Hegar, 1988; Hindle, 2000). Nas últimas duas décadas, o papel das relações dentro da fratria no desenvolvimento de cada um dos seus elementos tem vindo a ser reconhecido (Leathers, 2005).

Na sua maioria, a investigação feita sobre relações entre irmãos baseia-se nas teorias da vinculação e da perda, e muita dela é construída sobre a experiência prática em vez de se basear em estudos empíricos (Shlonsky, Bellamy, Elkins & Ashare, 2005). De facto, falta investigação sobre a percepção individual das crianças e dos jovens sobre as relações com os irmãos, em particular sobre a importância que a relação fraterna tem para eles. Esta importância atribuída pode variar dependendo da idade das crianças, por exemplo. Este tipo de pesquisa presta-se a estudos qualitativos, como os grupos focais ou as entrevistas, com vista a entender as percepções das crianças sobre estas relações (Shlonsky et al., 2005). Como resultado de entrevistas qualitativas apurou-se que as crianças acolhidas com os irmãos, comparadas com crianças separadas, são mais felizes, menos ansiosas e acreditam que os irmãos devem permanecer juntos (Cutler, 1984 cit. in Smith, 1998). Também pouco se sabe sobre os aspectos que podem melhorar ou piorar nas relações fraternas após o acolhimento conjunto (Linares, Li, ShROUT, Brody & Pettit, 2007). No entanto, este é um aspecto onde a investigação tem vindo a crescer (Hindle, 2000).

Estima-se que dois terços das crianças em acolhimento têm irmãos (Herrick & Piccus, 2005). Sabe-se que, em 2007, em Portugal, quase metade dos Lares acolhiam fratrias (49.2%), sendo que 56.1% se referiam apenas a dois irmãos acolhidos, 29% diziam respeito a três irmãos. Apenas 14% correspondia ao acolhimento de fratrias até 6 elementos. Apenas 0.9% se referiam a grupos até 13 irmãos (Ministério do Trabalho e da Solidariedade, 2000).

De facto ser retirado de casa não implica apenas a separação dos pais, mas, para muitos, significa a perda dos irmãos (James, Monn, Palinkas & Leslie, 2008). Um crescente corpo bibliográfico sustenta o papel crucial dos irmãos para as crianças em acolhimento, nomeadamente, para a manutenção do sentido de continuidade da família (James et al., 2008), e o sentido de identidade e auto-estima (Hegar, 1982, cit. in Smith, 1998). De acordo com alguns autores, o acolhimento de fratrias preserva a história familiar e cultural das crianças, bem como a sua identidade (Connor, 2005) e alivia os

sentimentos de abandono, perda, desamparo, na medida em que os irmãos constituem um grupo de apoio natural (Smith, 1998).

Há autores que defendem que manter os irmãos juntos em acolhimento está associado a um maior envolvimento dos pais biológicos e a uma mais rápida reunificação familiar (Aldridge & Cautley, 1976 cit. in Smith, 1998). Quanto a este último ponto, a investigação apresenta resultados controversos. Webster e os seus colaboradores (2005) perceberam que o facto das crianças estarem acolhidas juntas estava associado de forma positiva com o regresso à família biológica. Contudo, um estudo conduzido por Leathers (2005) não encontrou qualquer relação entre as variáveis (cit. in Leathers, 2005; Washington, 2007). De todas as formas, o facto dos irmãos estarem juntos facilita o processo de visitas aos progenitores (Leathers, 2005), o que por si só já pode potenciar a relação com estes. Farmer e Parker (1991), por outro lado, concluíram que o regresso à casa biológica é melhor sucedido quando as crianças estavam acolhidas juntas e regressam ao mesmo tempo (cit. in Kosonen, 1996).

Num estudo de Cicirelli (1980) percebeu-se que os irmãos se preferem aos pais como fonte de compreensão, ajuda, companheirismo e orientação, sendo que esta preferência é tanto mais notória em irmãos que nasceram tardiamente em relação ao resto da fratria, ou com idades próximas do irmão "preferido" (cit. in Hegar, 1988).

Vários autores têm notado que os irmãos mais velhos acolhidos com os mais novos beneficiam mais do acolhimento conjunto do que o contrário, e apesar de existirem mais meninas a serem acolhidas juntas, são os meninos que tiram um proveito mais positivo da convivência com os irmãos em contexto de acolhimento (Aldridge & Cautley, 1976, cit. in Smith, 1998). É de notar que Staff e Fein (1992) concluíram que os rapazes eram acolhidos juntos com mais frequência, apenas concordando com Aldridge e Cautley no que se refere aos efeitos mais positivos do acolhimento conjunto no sexo masculino (cit. in Smith, 1998).

Nesta área do acolhimento de fratrias é difícil fazer comparações entre os estudos porque variam as amostras, os tipos de acolhimento e a definição de fratria (Kosonen, 1996). Tem sido, inclusivamente, controverso na literatura nesta área a definição de "fratria" (para fins metodológicos e científicos), sendo que alguns estudos nem tipificam a definição. De facto, a ideia de quem é considerado irmão ou irmã varia de cultura para cultura (Devore & Schlesinger, 1996; Goodluck, 1990; Grrren, 1999, cit. in Ryan, 2002). São irmãos aqueles que têm pelo menos um progenitor comum, ou podem ser irmãos adotivos, ou irmãos por

afinidade (“*Step-brothers and sisters*”) ou mesmo irmãos porque partilharam uma casa de acolhimento familiar. Neste contexto, os laços biológicos vão perdendo importância e tem-se reconhecido o laço fraterno como aquele que proporciona suporte e estabilidade ao longo da vida (Ryan, 2002). Na opinião de alguns autores, a vinculação funcional deve ser o critério (entre tantos outros) que os profissionais dos serviços de acolhimento devem ter em conta ao determinar se os irmãos devem ou não permanecer juntos (Hage, 2007) e não o facto de terem ou não o mesmo sangue (cit. in Connor, 2005). Irmãos e irmãs têm um significado uns para os outros que não existe em relação às outras crianças e, na adolescência, podem ajudar-se mutuamente a aprender e a mudar (Hegar, 1988).

Alguns destes estudos têm tido reflexo nas políticas de acolhimento que enfatizam cada vez mais a manutenção/preservação das relações das fratrias em contexto de acolhimento (James et al., 2008).

1.6. Importância da manutenção da fratria intacta em acolhimento

As relações entre irmãos têm o potencial de ascender a relações de importância central no contexto dos maus-tratos e de acolhimento (Shlonsky et al., 2005). Para crianças separadas dos pais, a relação com os irmãos assume grande importância a longo prazo e significa continuidade num percurso de mudanças bruscas e rápidas (Kosonen, 1996). Em situações adversas, os irmãos podem funcionar como “*buffer*” (Kempton, Armistead, Wierson & Forehand, 1991, cit. in Herrick & Piccus, 2005) e proporcionar conforto um(ns) ao(s) outro(s) (Stewart, 1983; Teti & Ablard, 1989, cit. in Herrick & Piccus, 2005). Encontra consenso a ideia que a presença de um irmão pode facilitar a adaptação a situações de stress (Caya & Liem, 1998; Hunter, 1993; Lewis, 1991; Lewis, 1995 cit. in Hegar, 2005; James et al., 2008; Hegar, 1988) e que as relações fraternas, frequentemente, permanecem importantes fontes de suporte e referência ao longo da vida (Bigby, 1997; Campbell, Connidis & Davis, 1999; Dolgin & Lindsay, 1999, Miner & Uhlenberg, 1997; Stocker, Lanthier & Furman, 1997; Shortt & Gottman, 1997; Tucker, Barber & Eccles, 1997 cit. in Hegar, 2005; Hegar, 1988). A adaptação ao acolhimento é um processo que tende a envolver afectos (Leathers, 2005).

O acolhimento de fratrias pode proporcionar mais estabilidade às crianças (Aldrige &

Cautley, 1976; Drapeau, Simard, Beaudry & Charbonneau, 2000; Staff & Fein, 1992; Thorpe & Swart, 1992 cit. in Tarren-Sweeny & Hazell, 2005; Leathers, 2005; Connor, 2005), sendo que os irmãos se ajudam na adaptação a situações difíceis (Depp, 1983; Hegar, 1982 cit. in Wulczyn & Zimmerman, 2005), como é a retirada da casa dos pais. Relativamente à estabilidade, em alguns estudos, concluiu-se que a manutenção de fratrias está ligada a um processo de acolhimento menos disruptivo, o que promove a adaptação das crianças e dos jovens ao novo lar (Berridge & Cleaver, 1987; Staff & Fein, 1992 cit. in Leathers, 2005). A presença continuada dos irmãos pode ser vital para a manutenção do sentido de segurança e continuidade emocional numa situação desconhecida e potencialmente assustadora (Shlonsky et al., 2005).

Em casas desarmoniosas, a relação fraterna pode servir de factor de protecção, assim como se intensifica com o menor envolvimento e disponibilidade maternas (Smith, 1998). Hegar (1988) sugere que a ausência ou desorganização parentais promovem a proximidade das relações entre os irmãos. Crianças com passados de maus-tratos e negligência, com muita frequência, formam entre si relações saudáveis e significativas, sendo que a separação causará um trauma intenso, aliado à "perda" dos pais (Connor, 2005). Crianças e jovens acolhidos referem que valorizam fortemente a sua relação com os irmãos (Kosonen, 1996 cit. in Tarren-Sweeny & Hazell, 2005) e descrevem a perda dos irmãos como altamente traumática (Folman, 1998 cit. in Tarren-Sweeny & Hazell, 2005). Adultos que foram acolhidos em criança enfatizam o significado das relações com os irmãos, lembram a tristeza da perda e a confiança que tinham nos irmãos como fonte de apoio durante o acolhimento (Kosonen, 1996; Triseliotis, 1984 cit. in Tarren-Sweeny, & Hazell, 2005). A perda de um irmão é uma experiência traumática, enquanto que a presença deste ajuda a adaptação do outro a situações de outras perdas (Hegar, 1988). Alguns adultos que viveram separados dos irmãos, enquanto crianças, voltam a contactá-los mais tarde (Gardner, 2004, cit. in Washington, 2007).

Muitas crianças acreditam que, ao perderem os irmãos, perderam uma parte de si próprias e o sofrimento da perda foi agravado pela preocupação e culpa que sentiram quando entraram no acolhimento (Harrison, 1999a; Timberlake & Hamlin, 1982, cit. in Herrick & Piccus, 2005). Outras dizem ter sentido que o acolhimento era uma espécie de “punição merecida” e sentiram-se culpadas pela separação, como se a tivessem podido evitar

(Timberlake & Hamlin, 1982 cit. in Herrick & Piccus, 2005). Dependendo da força da relação fraterna, as crianças podem sentir, em consequência da perda do(s) irmão(s), tristeza, depressão, excesso de raiva, ansiedade generalizada ou insegurança nas relações (Tarren-Sweeny & Hazell, 2005).

Algumas crianças, antes de serem retiradas de casa, assumiam um papel parental na vida dos irmãos mais novos e, ao serem afastadas, a sua identidade é abalada pela perda deste papel. O facto de uma criança se sentir fonte de confiança e apoio para outra pode, proporcionar-lhe sentido de responsabilidade, um auto-conceito claro, aumentando a sua auto-estima por funcionar como fonte de apoio social (Kaplan, Hennon & Ade-Ridder, 1993 cit. in Herrick & Piccus, 2005). A falta de rede de suporte pode levar ao isolamento e mesmo um laço negativo com alguém pode ser melhor do que nenhum tipo de laço; o chamado ser a-social (Smith, 1998).

Além disso, a qualidade da relação fraterna pode ser adversamente afectada pela separação (Bank & Kahn, 1982; Drapeau et al., 2000 cit. in Wulczyn & Zimmerman, 2005). Em alguns estudos, as crianças acolhidas com os irmãos demonstraram relações mais harmoniosas com os irmãos do que as que estão separadas (Drapeau et al., 2000). Por outro lado, as crianças separadas dos irmãos, ou que estiveram acolhidas com estes, numa fase inicial, e depois são afastadas, demonstram ter mais problemas de comportamento do que as fratrias juntas (Aldridge & Cautley, 1976; Staff, Fein & Johnson, 1993 cit. in Leathers, 2005). A externalização dos problemas de comportamento, como a agressividade, delinquência, atitudes de oposição e desafiantes, aumentam com o risco de interrupção no acolhimento, enquanto que os problemas internalizados, como a depressão e a ansiedade, não parecem estar tão associados a este risco (Cooper, Peterson & Meier, 1987; Newton, Litrowink & Landsverk, 2000; Proch & Taber, 1987 cit. in Leathers, 2005).

Num estudo de Smith (1998), foram escolhidas como variáveis dependentes do funcionamento infantil: os problemas emocionais e comportamentais, a competência social e o funcionamento cognitivo das crianças e jovens, precisamente, porque a investigação considerava que estas medidas eram influenciadas pela relação fraterna. Tanto a competência social como os problemas emocionais e comportamentais revelaram estar associados com a qualidade da relação entre os irmãos e são dependentes desta relação no passado (Bryant, 1989; Dunn, Stocker & Plomin, 1990; Hetherington, 1988 cit. in Smith, 1998). Os irmãos

também demonstraram influenciar o desenvolvimento cognitivo uns dos outros, indirectamente, proporcionando competição pelos recursos parentais (Blake, 1989 cit. in Smith, 1998) e, directamente, adoptando o papel de "professores" (Bedford, 1989; Brody, Stoneman, MacKinnon & MacKinnon, 1985; Bryant, 1989 cit. in Smith, 1998). Ainda neste estudo de Smith (1998), apurou-se que as crianças acolhidas separadas dos irmãos tendem a ser mais agressivas e mais deprimidas do que as que se mantêm juntas. No entanto, deve referir-se que outros estudos perceberam que a convivência com os irmãos potenciava os comportamentos agressivos (Patterson, 1984, cit. in Smith, 1998). De acordo com Smith (1998), os irmãos que são separados quando retirados do meio natural de vida aparentam piores níveis de desenvolvimento emocional e comportamental, mas cognitivamente estão mais desenvolvidos (Smith, 1998). É de referir que estas medidas do funcionamento infantil não são apenas dependentes da condição de acolhimento das crianças, situação esta que tem mais impacto relacionada com o sentido de identidade, níveis de auto-estima ou rapidez na reunificação da família (Smith, 1998).

O acolhimento tem maior impacto nas relações das crianças com o grupo quando estas foram separadas dos irmãos (Drapeau et al., 2000, cit. in Washington, 2007). As relações fraternas podem ser importantes para manter outras relações familiares como, por exemplo, com os pais biológicos ou com outras crianças (Gardner, 2004, cit. in Washington, 2007).

As relações entre irmãos validam a confiança que as crianças têm no ser humano porque o amor que lhes é dado não é preciso ser conquistado. Relações permanentes e incondicionais podem produzir esperança e motivação nos indivíduos (Herrick & Piccus, 2005). Irmãos e irmãs são únicos no facto de darem um ao outro uma história partilhada (Cicirelli, 1995; Elgar & Head, 1999 cit. in Herrick & Piccus, 2005).

1.7. Factores associados à separação de irmãos

Quando se desenha o projecto de vida de uma criança, apenas uma pequena percentagem de técnicos inclui na equação a convivência com os irmãos no futuro (Kosonen, 1996). Há poucas evidências empíricas que apoiem as razões para manter ou separar irmãos em acolhimento (Smith, 1998; Leathers, 2005). Segundo Kosonen (1996), a probabilidade dos irmãos serem acolhidos juntos é maior em famílias de acolhimento ou alargada, seguidos

da adoção e acolhimento em Lar de Infância e Juventude. A investigação ainda não entrou em consenso quanto ao valor e importância do acolhimento de fratrias e, apesar de se vir assistindo ao incremento, nas políticas sociais, da não separação dos irmãos quando retirados do meio natural de vida, alguns estudos sugerem que, em certas circunstâncias, esta pode ser desvantajosa (Washington, 2007). Por outras palavras, defende-se que nem todos os irmãos devem permanecer juntos (Hindle, 2000).

A maioria das crianças e jovens, ao serem retirados de casa, não estavam à espera de ser separados dos irmãos e nenhum deles, num estudo de Folman (1998) recebeu justificação por parte dos adultos para essa separação (cit. in Washington, 2007). A entrada e a saída no/do sistema de acolhimento são os pontos determinantes para a separação de fratrias. De acordo com as percepções dos trabalhadores sociais (Kosonen, 1996), as razões que motivam a separação de irmãos incluem (a) estes deixarem o acolhimento (regresso a casa ou vida independente), (b) serem encaminhados para adoção, (c) diferentes momentos de entrada no sistema, (d) necessidades de atenção especializada, (e) interrupção do acolhimento, (f) grandes diferenças de idade dentro da fratria, (g) falta de recursos apropriados ou (h) por escolha do próprio jovem. De notar, que as crianças são particularmente vulneráveis à separação dos irmãos na altura da entrada e da saída no acolhimento (Kosonen, 1996).

Muita da investigação realizada neste âmbito confia nas percepções dos profissionais da área, mas muito pouca se baseia nas percepções que as crianças e os jovens têm das relações com os irmãos (Connor, 2005). A literatura demonstra que as razões para separar as fratrias são, frequentemente, mais práticas (Smith, 1998) do que resultado de uma profunda avaliação casuística. Por vezes, a separação surge ligada a crenças dos técnicos sobre o desenvolvimento e protecção infantil, já que muitos entendem que acolhimentos menos complexos (com menos irmãos) facilitam a integração da criança no novo lar. Contudo, a decisão de manter ou separar fratrias deveria incluir uma análise dos benefícios e das menos-valias das crianças e jovens envolvidos, em conjugação com uma avaliação da qualidade do ambiente do acolhimento e a estimativa do período que as crianças poderão estar acolhidas (Smith, 1998).

O acolhimento de fratrias intactas levanta vários constrangimentos aos profissionais da área, na medida em que exige uma instituição com espaço suficiente para acomodar o grupo, especialmente, quando são fratrias com mais de três irmãos, bem como recursos

financeiros, de transporte e tarefas domésticas, assim como de apoio emocional aos grupos (Kosonen, 1996). Quanto maior o grupo de irmãos, menos recursos há para o acolhimento conjunto, sendo que essa probabilidade aumenta se o acolhimento for no seio de outros familiares (Shlonsky, Webster & Needell, 2003 cit. in Washington, 2007; Leathers, 2005).

Outro problema que se levanta é o momento de entrada no sistema de acolhimento (Shlonsky, Webster & Needell, 2003 cit. in Washington, 2007), que nem sempre é o mesmo, o que faz com que muitas vezes os irmãos sejam acolhidos em diferentes instituições consoante o número de vagas existentes à data da sua entrada. Nestes casos, a mudança de instituição, com vista à reunificação dos irmãos, pode ser um factor acrescido de instabilidade para a criança já integrada num Lar (Wulczyn & Zimmerman, 2005; Hegar, 2005; James et al., 2008; Smith, 1998). Deste modo, alguns autores defendem que seria importante guardar vagas para acolher grupos ou pares de irmãos (Connor, 2005).

Staff e Fein (1992) apuraram que a etnia pode ser um elemento a influenciar a separação dos irmãos (Smith, 1998). Outro factor importante que pode potenciar a separação da fratria é a idade, nomeadamente, quando há uma grande diferença de idades entre os irmãos (Drapeau, Simard, Beaudry & Charbonneau, 2000 cit. in Washington, 2007; Leathers, 2005) e o sexo, quando é oposto (Hegar, 2005; Smith, 1998; Shlonsky, Webster & Needell, 2003 cit. in Washington, 2007). É comum achar-se que as diferenças de idade dentro das fratrias dificultam a satisfação das necessidades das crianças (Smith, 1998).

Crianças com necessidades especiais (Leathers, 2005), nomeadamente, com problemas psiquiátricos, podem ter que ser separadas dos irmãos por esta razão (Hegar, 2005; Shlonsky, et al., 2005; Tarren- Sweeney & Hazell, 2005; Smith, 1998). Aliás, algumas delas, são mesmo retiradas do seio familiar isoladamente porque os pais não têm capacidade para lidar com os problemas que apresentam.

Outras razões para o acolhimento separado são os casos de abuso sexual entre irmãos (Tarren- Sweeney & Hazell, 2005; Bank, 1992 cit. in Herrick & Piccus, 2005) ou de rivalidade e relações conflituosas (Aldridge & Cautley, 1976 cit. in Herrick & Piccus, 2005; Smith, 1998; Leathers, 2005). As relações incestuosas entre irmãos devem ter uma análise atenta, já que, estudos indicam que a ausência emocional dos progenitores ou um ambiente assustador em casa podem intensificar a dependência mútua e a curiosidade sexual entre irmãos de sexos diferentes (Bank e Kahn, 1982 cit. in Hegar, 1988). Investigação sobre os

efeitos, a longo prazo, do incesto fraterno indicam que estes variam conforme a diferença de idades e o grau de coacção/força exercida nos comportamentos sexuais. Estas conclusões apontam para a necessidade de trabalhar, em alguns casos, a separação entre os irmãos quando motivada pelo incesto, de forma a evitar culpabilização pela separação involuntária (Hegar, 1988).

Por outro lado, um sector da literatura reconhece um aspecto positivo na rivalidade entre os irmãos, na medida em que a competição e a forma como a ultrapassam pode ajudar as crianças a individualizarem-se (Hegar, 1988). O processo de "deidentification" ("*desidentificação*") é entendido como a percepção que a criança tem de si como um ser diferente do irmão (Schachter cit. in Hegar, 1988). Irmãos com idades mais próximas tendem a passar mais tempo juntos e a desenvolver relações mais agressivas, competitivas e conflituosas (Felson & Russo, 1988; Furman, Jones, Buhrmester & Adler, 1989 cit. in Smith, 1998). Apenas se a relação fraterna for stressante para ambos, ou para um deles, ou se for sempre o mesmo a perder na competição pelo afecto e aprovação por parte do adulto, se aconselha a separação dos irmãos de forma a desenvolver a auto-estima da criança não preferida (Hegar, 1988). Drapeau, Simard, Beaudry e Chardonneau (2000) reportam que a separação dos irmãos "rivais", quando acompanhada de visitas, esbata o conflito e permite interacções mais positivas (cit. in Whelan, 2003). Ainda no que diz respeito às relações de conflito entre irmãos, deve acrescentar-se que é mais difícil cuidar de irmãos mais velhos, pois tendem a apresentar mais problemas de comportamento e potenciam mais relações conflituosas, nem sempre fáceis de mediar. É curioso que, embora na investigação os problemas de comportamento surjam associados às causas de separação das fratrias em acolhimento, nos estudos que abordam especificamente problemas de comportamento nas crianças e jovens não existe esta associação (Leathers, 2005).

O processo de parentificação por parte de um irmão mais velho relativamente a um mais novo, também tem sido apontado, por parte da literatura, como factor tendente à separação, apesar de ser tema de grande debate, pois há outra corrente que defende que este processo pode ser um forte indicador de uma relação fraterna comprometida, não necessariamente negativo (Begun, 1995; Dwepp, 1983; Elgar & Head, 1999; Ward, 1984 cit. in Shlonsky et al., 2005). São ainda apontadas, por alguns autores, como causas de separação as relações fusionais entre irmãos que pouco espaço deixam ao desenvolvimento da sua

individualidade (Hegar, 1988b e Ward, 1984 cit. in Leathers, 2005).

Na literatura tende-se a associar um trabalho bem sucedido à manutenção das fratrias. Contudo, Whelan (2003) afirma que pode ser possível juntar irmãos “agressor e vítima” num mesmo Lar, embora a separação possa ser necessária para respeitar o melhor interesse da criança. Thorpe e Swart (1992) concluíram que irmãos separados manifestavam melhores resultados escolares e melhor adaptação à família de acolhimento. Na base desta descoberta, de acordo com a percepção de mães de acolhimento, pode estar o factor de libertação do papel que as crianças tinham na relação fraterna e de aceitação imediata de um novo papel na nova família (cit. in Whelan, 2003).

Admitir o facto de alguns irmãos não poderem ser acolhidos juntos não significa que não se devam manter os laços fraternos e se perca a partilha no desenvolvimento do seu sentido de identidade. Depende dos adultos que cuidam das crianças e jovens o acompanhamento das famílias biológicas, com vista a não se perder o seu rasto, e a promoção dos contactos entre irmãos, quando separados (Kosonen, 1996).

Como já foi referido, muitas crianças são separadas por constrangimentos ligados ao acolhimento, como por exemplo, falta de vagas (Hindle, 2000) e não por ser mais proveitoso para o seu desenvolvimento. Apesar de se reconhecer a importância da manutenção das fratrias intactas em acolhimento, devido a necessidades especiais das crianças e jovens e a grandes diferenças de idade no grupo de irmãos, muitos são separados quando entram no sistema de acolhimento. Seria necessário reservar vagas para fratrias numerosas, preparar os técnicos, que lidam diariamente com estas, com vista a um trabalho especializado com crianças de sexo e idades diferentes (Hegar, 1988) e proceder a uma avaliação prévia da relação fraterna, tendo em conta as necessidades das crianças e dos jovens a curto e a longo prazo (Kosonen, 1996). Este trabalho de avaliação deve ser amparado pelas áreas da psiquiatria, pediatria e educação (Hindle, 2000), já que as relações fraternas são complexas, não só na sua rede interpessoal, mas também porque não se encaixam facilmente em categorias delimitadas (Staff & Fein, 1992). Além de uma equipa multidisciplinar, necessária no processo de decisão de manutenção ou separação de uma fratria que vai para acolhimento, as relações entre os vários profissionais implicados, o estatuto jurídico-legal dos menores, as razões para a retirada do meio familiar, o seu projecto de vida futuro, a história antes e durante o acolhimento e as relações aí estabelecidas, constituem informação crucial (Hindle,

2000).

Muitas vezes a história das crianças e dos jovens é desconhecida ou difícil de seguir, outras vezes, as relações que estes mantêm na sua rede social e familiar não são avaliadas, outras tantas vezes os sentimentos e projecções dos mesmos não são entendidos pelos cuidadores e técnicos. As relações entre os irmãos são distintas das outras pelo poder emocional e intimidade que carregam, pelas qualidades competitivas, ambivalência e compreensão emocional que podem provocar ou suportar e, na área social, é preciso prestar mais atenção à perspectiva das crianças, cujas uniões e separações se decidem (Hindle, 2000; Leathers, 2005).

1.8. Teoria da vinculação como suporte teórico da investigação

A teoria da vinculação tem sido utilizada para determinar se é promotor do melhor interesse da criança ser acolhida com ou sem o(s) irmão(s). Esta teoria enfatiza no desenvolvimento do bebé a figura do cuidador, como figura de protecção e descreve três tipos de vinculação insegura: ambivalente, evitante e desorganizada (Whelan, 2003).

No contexto das relações fraternas, Bowlby (1973) refere que, quando falta o cuidador primário, as relações fraternas podem compensar esse vazio (cit. in Whelan, 2003). Stewart (1983) vai mais longe ao afirmar que o irmão mais velho funciona como base segura a partir da qual o mais novo explora o ambiente que o rodeia. Contudo, os irmãos, na sua relação, podem continuar a relação insegura pré-existente com o cuidador primário, daí decorrendo a importância destas relações na avaliação da dinâmica familiar quando se determinam as necessidades das crianças e jovens que vão para acolhimento (cit. in Whelan, 2003).

Uma criança, apesar de estar acolhida e o acolhimento ser de *per si* um evento traumático, pode não ter uma vinculação insegura aos seus cuidadores primários. O conceito de "segurança adquirida" refere-se ao fenómeno através do qual adultos, que tiveram uma infância com condições adversas, se desenvolvem e crescem capazes de estabelecer relações saudáveis de vinculação (Gardner, 2004 cit. in Washington, 2007).

Quando os trabalhadores sociais decidem se é ou não do interesse das crianças manter ou separá-las dos irmãos em contexto de acolhimento, à luz desta teoria, devem colocar-se três questões: 1) o acolhimento conjunto contribui para um ambiente de cuidado

seguro? 2) este acolhimento conjunto vai ter um efeito neutro na segurança do ambiente de cuidado? 3) ou manter os irmãos juntos impossibilita o desenvolvimento de um ambiente de cuidado seguro? (Whelan, 2003). É certo que na maioria dos casos, a presença dos irmãos afecta positivamente o desenvolvimento de um ambiente securizante, na medida em que se proporcionam familiaridade, amor e conforto. Contudo, se esta presença impede o cuidador de proporcionar a segurança de protecção responsiva essencial ao processo de vinculação das crianças, estas estarão melhor separadas. O acolhimento de fratrias deve ser avaliado no contexto das necessidades das crianças e dos jovens a nível global (Whelan, 2003).

Como já foi referido supra, a teoria da vinculação parece ser o único suporte teórico central para os estudos realizados na área do acolhimento e avaliação da relação entre irmãos, o que é um tanto limitador ao desenvolvimento dos estudos realizados. Folman (1998) usou a teoria da crise ao estudar crianças acolhidas e trouxe ao terreno de pesquisa informação única sobre trauma e mecanismos de "*coping*", que não teria sido possível se a autora se tivesse limitado à teoria da vinculação (cit. in Washington, 2007)

1.9. Objectivos do estudo

Partindo do racional teórico desenvolvido anteriormente, este estudo empírico de carácter exploratório, pretende abordar o tema do acolhimento de fratrias em Lar de Infância e Juventude, em duas frentes distintas, através de metodologia qualitativa e quantitativa.

Um primeiro estudo pretende obter a percepção dos técnicos que trabalham em Lar de Infância e Juventude sobre o que consideram pontos positivos e negativos, bem como critérios reais e ideais, no acolhimento de irmãos. Pediu-se aos técnicos que lidam diariamente com as crianças que partissem da sua experiência profissional diária e testemunhassem as vivências dos menores no Lar, com ou sem irmãos. Por outro lado, foi-lhes pedido para reflectirem sobre os aspectos que consideravam dever ser tidos em conta na decisão de separar ou manter uma fratria unida.

O grupo de discussão focalizada foi escolhido como o melhor método de avaliação qualitativa para perceber as ideias e as opiniões que os profissionais dos Lares têm sobre o acolhimento de fratrias e a forma como este se decide em Portugal. Utilizado

singularmente, ou em combinação com outros métodos de investigação, o grupo focal procura perceber as perspectivas e conhecimentos dos participantes sobre determinados assuntos. Este método funciona como um forum onde se exploram as opiniões, atitudes, crenças, valores, discursos, e conhecimentos de um grupo e pode ser usado para obter um olhar mais profundo sobre o assunto em investigação (Millward, 2000).

Num segundo estudo, o foco é redireccionado para as crianças e jovens que vivem em Lar de Infância e Juventude, actualmente, e partilham, ou não, o seu dia-a-dia com os irmãos. Conjugando a metodologia qualitativa (entrevista) e quantitativa (questionário), tentou-se explorar a importância percebida que o acolhimento, com ou sem os irmãos, tem para estas crianças e jovens no primeiro dia de acolhimento e ao longo da sua vida no Lar. Também se pretendeu avaliar a opinião dos participantes relativamente ao acolhimento de irmãos, partindo das suas experiências com os irmãos em Lar ou deles separados. Partindo da revisão de literatura supra, falta investigação sobre a percepção individual das crianças sobre as relações com os irmãos e sobre a importância que estas têm para elas (Shlonsky, et al., 2005). Muita da investigação realizada é baseada nas percepções dos profissionais da área e pouco nas percepções que as crianças têm das próprias relações fraternas (Connor, 2005).

Neste estudo, optou-se pela entrevista, por ser um método de investigação que se adapta, especialmente, à recolha de dados relativos a atitudes, percepções, crenças, sentimentos, experiências passadas e intenções futuras (Cannell & Kahn, 1951), respeitando a interpretação do sentido dado aos fenómenos pelos entrevistados (Kvale, 1983 cit. in King, 2004), neste caso, as crianças. Na medida em que os entrevistados, por serem menores de idade, se mostraram pouco fluentes nas entrevistas, também se aplicou a versão reduzida de um Questionário de Apoio Social (Moreira, Andrez, Moleiro, Silva, Aguiar & Bernardes, 2002) por forma a complementar a informação recolhida.

2 - Método

Estudo1

2.1. Amostra

Os quatro Lares que compõem a amostra destinam-se ao acolhimento prolongado de crianças e jovens, sendo que dois deles são mistos e acolhem uma faixa etária dos 3 aos 21 anos. Os outros dois acolhem só rapazes dos 12 aos 21 e só raparigas dos 3 aos 12, respectivamente. É importante notar que um dos Lares misto acolhe, exclusivamente, fratrias, apesar de em todos eles existirem crianças acolhidas com irmãos.

A amostra dos Lares é apresentada na tabela infra.

Tabela 1 - Amostra de Lares

Lares	Idades	Sexo
L 1	3-12	feminino
L 2	12-21	masculino
L 3 (só fratrias)	3-21	misto
L 4	3-21	misto

Neste estudo exploratório participaram 20 técnicos distribuídos pelos 4 Lares de Infância e Juventude da zona da grande Lisboa. Com idades compreendidas entre os 24 e os 55 anos, 13 eram do sexo feminino e 7 do sexo masculino.

Optou-se por incluir na designação de “técnico” os profissionais cuja função era de acompanhamento das crianças e jovens dentro do gabinete (n=8) e os profissionais que monitorizavam o dia-a-dia dos mesmos, comumente, conhecidos por “monitores” ou “educadores”(n=12). Esta decisão prende-se com o facto de, na sua maioria, com excepção de 3 elementos, serem licenciados ou formados em áreas afectas à profissão.

Na tabela 2 apresentam-se as características demográficas da amostra de técnicos, mais concretamente as médias e os desvios-padrão relativos às idades e aos anos de experiência na área e as áreas de formação de cada um.

Tabela 2 - Amostra de técnicos

Características Demográficas	N=20	Sexo		Média (DP)		
		M (n=7)	F (n=13)	(n=20)	M (n=7)	F(n=13)
Idade				34.90	36.14	34.23
				(8.36)	(9.84)	(7.80)
24-34	14	4	8			
35-45	4	3	4			
46-56	2		1			
Formação						
Psicologia	5	1	4			
Educação Social	1		1			
Serviço Social	2		2			
Ciências da Educação	1		1			
Sociologia	1	1				
Licenciatura em Educação Física	1	1				
Animação sócio-cultural	1		1			
Psico-pedagogia	2	2				
Curso técnico-profissional	3	1	2			
Sem estudos superiores	3	1	2			
Anos de experiência na área				4.90	(2.94)	
+6 meses-3 anos	7	3	4			
+3 anos-7 anos	10	4	6			
+7anos-11 anos	3		3			

A média das idades dos técnicos é de 34 e o desvio padrão de 8.36, sendo que, na sua maioria (n=14), se encontram entre os 24 e os 34 anos de idade.

As áreas de formação dos participantes variavam da Psicologia à Sociologia, passando pelo Serviço e Educação Social, Ciências da Educação, Animação Sócio-cultural, Psico-pedagogia e licenciatura em Educação Física. Três dos participantes tinham curso técnico-profissional e três não desenvolveram estudos superiores.

A maioria dos técnicos (n=10) trabalha na área do acolhimento há mais de 3 anos e há menos de 7, sendo que muitos (n=7) estão na área há menos tempo, entre os 6 meses

e os três anos. Apenas 3 deles se encontram a trabalhar na área há mais de 7 anos, mas há menos de 11.

2.2. Instrumento

O instrumento utilizado no estudo 1 foi o grupo de discussão focalizada, método de análise qualitativa de dados, também conhecido por grupo focal, através do qual é possível avaliar necessidades, compreender processos, conteúdos e interações, conhecer opiniões e perspectivas sobre o tema específico em análise e perceber como estas são elaboradas e justificadas (Krueger & Casey, 2000). Comparativamente com as entrevistas, os grupos focais são muito mais "naturalistas", próximos das conversas do dia-a-dia, e reúnem um conjunto variado de processos de comunicação, tais como contar histórias, argumentar, brincar, persuadir, discordar, etc (Wilkinson, 2003). Sendo o grupo focal uma metodologia que permite trazer à discussão interações, opiniões e perspectivas, por vezes contraditórias, sobre um determinado tópico (Krueger & Casey, 2000), poderá contribuir, construtivamente, para o estudo em análise. Convém referir que, teve-se em conta a indicação da literatura revista, relativamente à pertinência da aplicação deste método ao objectivo da investigação (Shlonsky, Bellamy, Elkins & Ashare, 2005).

Além de se pretender conhecer as opiniões dos técnicos que trabalham em acolhimento, relativamente aos pontos positivos e/ou negativos de acolher fratrias, com o grupo de discussão, quis-se, ainda, compreender os critérios percebidos na decisão de acolhimento conjunto, assim como a concordância dos técnicos com estes critérios. Sendo uma área pouco explorada, procurou-se ainda fazer um levantamento de necessidades para posterior reflexão e avaliação. Optou-se pela realização da discussão focalizada com grupos heterogêneos, relativamente às funções que cada elemento desempenha no Lar, com o objectivo de obter um maior número de perspectivas e análises. Nos grupos participaram elementos da equipa técnica (técnicos) e elementos da equipa educativa (monitores/educadores), com vista a uma maior diversidade de experiências e variabilidade de discursos.

Uma das vantagens dos grupos focais, relativamente a outros métodos de

investigação, nomeadamente, a entrevista individual, é que permite ao investigador observar como as pessoas interagem, como as suas visões são construídas, expressadas, defendidas e, por vezes, modificadas pelo contexto de debate (Wilkinson, 2003). Contudo, o grupo focal não é o método adequado para a generalização dos resultados, na medida em que as amostras são pequenas e não são representativas da população em geral (Wilkinson, 2003).

Como ponto de partida para a construção do guião de um grupo de discussão focalizada tem sempre que estar o objectivo do estudo, na medida em que é sempre este que vai guiar a análise (Krueger & Casey, 2000). O guião para o grupo focal foi desenvolvido em várias fases. Partindo da literatura revista foram assentes os pontos que se pretendiam ver discutidos sobre o acolhimento de fratrias. A construção das perguntas teve em conta a clareza, a abertura e a dimensão, devendo ser perguntas claras, abertas e curtas. Antes de se perguntar algo específico aos participantes, optou-se por pedir para pensarem nas suas experiências profissionais e falarem de situações concretas em que o acolhimento de irmãos tenha tido uma importância positiva e negativa. Estas questões ajudaram-nos a contextualizar as respostas (Krueger & Casey, 2000). Seguidamente, sempre seguindo a lógica do positivo antes do negativo, introduziram-se as questões sobre as vantagens e as desvantagens no acolhimento de irmãos, que, na análise, deram origem às categorias dos pontos positivos e negativos do acolhimento de fratrias. Teve-se o cuidado de, na pergunta, não assegurar a existência de desvantagens, uma vez que, na revisão de literatura foi possível concluir que as políticas de acolhimento promoviam o acolhimento de irmãos. No final, surgem duas questões relativas aos critérios ou factores que determinam a separação, ou não, dos irmãos, na altura do acolhimento. Foi pedido aos técnicos para reflectirem em dois planos distintos: o real e o ideal, pelo que se usou a conjugação verbal no condicional na última pergunta.

Posto isto, o guião foi submetido a revisão numa das sessões de seminário realizadas no mês de Dezembro de 2008. A tabela 3 (*ver Anexo*) mostra o resultado do processo de elaboração do guião.

2.3. Procedimento

Numa primeira fase, obtiveram-se as autorizações dos directores técnicos de cada um dos Lares que constituem a amostra, para a realização e gravação áudio dos grupos de discussão. Uma vez autorizados marcou-se o dia e a hora para cada um dos Lares, tendo-se realizado 3 grupos no mês de Janeiro de 2009 e um último, agendado posteriormente para Março. O grupo focal no Lar 4 não estava, inicialmente, previsto para o estudo, contudo, da discussão realizada com o Lar 3 surgiu muita informação nova, que não tinha sido abordada pelos Lares anteriores, 1 e 2, tendo-se alargado a amostra ao Lar 4, por forma a obter mais percepções sobre o tema e atingir um número estável de categorias.

Após uma breve descrição do que consiste um grupo focal, obteve-se o consentimento esclarecido de todos os participantes para a gravação áudio do debate, e posterior transcrição, tentando colocá-los o mais à vontade possível, criando um ambiente confortável e descontraído. Foram-lhe expostas as regras de funcionamento do grupo de discussão e garantida a confidencialidade dos dados (APA, 2002; FEAP, 1995). No final do grupo focal, assegurou-se aos participantes um feedback do estudo realizado, assim que terminado. A informação gravada em áudio foi transcrita na sua totalidade, mantendo o anonimato dos participantes e dos Lares.

O objectivo do estudo centrou-se na obtenção da maior variabilidade de discursos possível, e não tanto na repetição dos mesmos, partindo de um critério de pertinência e não de extensão, com vista à saturação da informação por representatividade. A saturação teórica alcança-se quando a continuação da análise já não acrescenta nada novo sobre uma categoria (Vallés, 1997). Numa abordagem inicial da análise, tentou contabilizar-se o número de participantes que haviam referido e/ou concordado com determinada unidade de análise, e quantas vezes esta havia sido referida ao longo do debate. No entanto, cedo se concluiu que a análise não seria fiel às percepções dos técnicos, individualmente, uma vez que muitas vezes eles concordavam de forma tácita com as ideias que iam sendo sugeridas. Posto isto, optou-se por reduzir a amostra aos quatro Lares, em vez de abordar as opiniões de cada um dos 20 participantes nos grupos.

A análise de conteúdo é comumente utilizada na análise qualitativa de dados (Wilkinson, 2003), como é o caso dos grupos focais. Ao nível do objecto de investigação

este método presta-se à análise de ideologias, de sistemas de valores, de representações e aspirações, bem como da sua transformação (Quivy & Van Campenhoudt, 2008). Este tipo de análise de dados comporta duas componentes, intrinsecamente ligadas: uma componente mecânica e outra interpretativa. A primeira envolve a organização e a subdivisão dos resultados em categorias, enquanto que a componente interpretativa pressupõe a determinação de que categorias têm significado para os tópicos levados à discussão no grupo (Millward, 2000).

Partindo das transcrições dos discursos obtidos nos debates, criaram-se categorias, através de uma abordagem “*bottom-up*”, partindo do guião: pontos positivos, pontos negativos, critérios reais e critérios ideais no acolhimento de fratrias. De seguida, criaram-se unidades de análise para cada um dos grupos de discussão, que por sua vez, foram integradas em cada uma das categorias. A codificação da informação, num primeiro momento, partiu da divisão do texto em unidades de análise, sublinhando-se as ideias-chave relativas a cada tópico do guião ou categorias previamente estabelecidas. Simultaneamente, foram-se tomando notas de margem ao longo da transcrição de cada grupo, para mais fácil e rápida identificação da informação. Seguidamente, criaram-se unidades de análise, cada uma o mais coerente possível, para cada uma das ideias-chave anotadas na margem da página e integradas em cada uma das categorias: pontos positivos, pontos negativos, critérios reais e critérios ideais. Dentro dos pontos positivos, após análise mais detalhada, foi possível identificar três sub-categorias: pontos positivos para as crianças, para as famílias e para os técnicos. Para os pontos negativos, foram identificadas apenas duas sub-categorias: para as crianças e para os técnicos.

Numa segunda fase da análise, agruparam-se as ideias dos 4 grupos nas unidades de análise resultantes do processo supra descrito e atribuíram-se a cada uma das unidades os trechos seleccionados na transcrição, que, inicialmente, lhe deram origem. Tentou não se descontextualizar a informação fornecida por cada participante nos grupos, pelo que, por vezes, surge repetida em várias unidades diferentes.

Por último, a análise de conteúdo efectuada foi levada ao critério de um juiz independente, que fez corresponder trechos das transcrições de dois grupos focais às unidades de análise pré-definidas pela investigadora, devidamente enquadradas num “esquema de Árvore”. Desta hetero-análise, a 50% da amostra do estudo 1 resultou uma

concordância de 91% com a análise de conteúdo realizada pela investigadora (88% para o grupo focal 2 e 100% para o grupo focal 4).

3 – Resultados - Estudo 1

Da análise de conteúdo realizada às transcrições dos 4 grupos focais não resultaram muitas ideias unânimes, i.e., que tenham sido mencionadas em todos os debates. Em 53 unidades de análise identificadas, subdivididas em 4 categorias, apenas 3 delas resultaram gerais e 21 foram variantes ou singularmente referidas. Na sua maioria (29), as várias unidades de análise foram abordadas por 3 Lares da amostra, sendo consideradas, para este estudo, típicas. Na tabela 4 apresenta-se o esquema da análise de conteúdo supra descrita.

Tabela 4 - Esquema da análise de conteúdo do estudo 1

Categorias	Sub-categorias	Unidades de análise
Pontos positivos	Crianças	19
	Famílias	2
	Técnicos	3
Pontos negativos	Crianças	6
	Técnicos	9
Critérios reais	-----	10
Critérios ideais	-----	4

3.1. Percepção dos pontos positivos no acolhimento de fratrias

A tabela 5 elenca as unidades de análise identificadas nos 4 grupos focais relativamente à categoria dos pontos positivos no acolhimento de fratrias. Esta categoria, contudo, foi, como se referiu supra (*ver procedimento*), tripartida em sub-categorias no que se refere aos pontos positivos para as crianças, para as famílias e para os técnicos.

Tabela 5 - Pontos positivos no acolhimento de fratrias relativamente às crianças

Unidades de análise (Crianças)	Geral	Típica	Variante
Protecção	x		
Suporte/apoio emocional		x	
Apoio prático/entre-ajuda		x	
Apoio futuro (depois do Lar)		x	
Cumplicidade		x	
Referência/modelo para o mais novo		x	
Referência no desconhecido/segurança		x	
Elo de ligação/continuidade da família		x	
“Buffer”na retirada		x	
Papel contentor		x	
Papel contentor/regulador na sexualidade			x
Re-aprendizagem do papel de irmão		x	
Reforço dos laços		x	
Percepção dos motivos da retirada			x
Percepção da mudança (neles e na família)			x
Heterogeneidade			x
Vivências comuns/história partilhada		x	
Cuidado/preocupação		x	
Parentificação positiva			x

Nota: Para a amostra total (n = 4) Geral = 4; Típico = 3 – 2; Variante = 1

Da análise de conteúdo efectuada à primeira sub-categoria resultaram 19 unidades de análise. Estas permitiram perceber quais os aspectos que os técnicos de Lar de Infância e Juventude consideraram positivos para os crianças acolhidas com irmãos.

Antes de avançar nesta análise, impõem-se referir que em todos os grupos foi unânime que no acolhimento de fratrias eram mais as vantagens do que as desvantagens, sendo que, nos Lares 1 e 3 se falou em dificuldades em vez de desvantagens ou aspectos negativos. *“Eu para mim vejo só vantagens...(…) nem são desvantagens, são um bocado... coisas atribuladas do percurso...”* (Lar 1); *“todos eles têm pontos positivos”*; *“se calhar os pontos negativos que nós apontámos eram apenas dificuldades”* (Lar 3).

Relativamente ao facto das crianças acolhidas com irmãos se protegerem entre si (mais frequentemente os mais velhos protegerem os mais novos) foi encontrada

unanimidade entre os quatro Lares da amostra como resulta dos seguintes excertos: “...hoje a minha irmã está a chorar, o que é que lhe fizeram?” (Lar 1); “...o mais velho protege imenso o mais novo”, “todos os outros têm um ponto em comum que é a tal protecção do mais velho para o mais novo...” (Lar 2), “... ele sempre sentiu um bocado a protecção da irmã... ele tinha a irmã...” (Lar 3); “os mais velhos, às vezes, assumem determinadas responsabilidades e os mais novos aproveitam-se disso, porque sentem-se protegidos...” (Lar 4).

Apenas o Lar 1 deixou de indicar as ideias do suporte/apoio emocional e a cumplicidade entre irmãos acolhidos juntos como aspectos positivos. Uma das técnicas do Lar 2 referiu que “se eles são separados do meio familiar, o facto de terem o apoio de outro irmão já é mais acolhedor, já é menos constrangedor” e um participante do Lar 3 lembrou a propósito de um caso específico que “acabou por constituir um suporte emocional muito grande para eles os dois poderem estar juntos...”, reforçando que “se formos pensar noutras situações o que sobressai mais é o apoio emocional entre eles”. Ainda referente ao apoio/suporte emocional, o técnico do Lar 4 indicou o “suporte vinculativo da parte da família”, “ela sente que tem ali aquele apoio... não fica tão desamparada, tem a irmã”. O aspecto da cumplicidade entre os irmãos surgiu nos discursos dos participantes em vários contextos: “inicialmente quando entraram notava-se muito mais essa cumplicidade” (Lar 2) ou “dois irmãos que viviam muito em auto-gestão... em que há ali uma cumplicidade muito grande” (Lar 3), ou ainda, no Lar 4 uma das técnicas referiu que a “cumplicidade se sente mais agora em algumas fratrias na medida em que estão a vivenciar coisas em conjunto, como irmãos, que não estavam, se calhar, antes...”.

Como podemos conferir na tabela 4, nesta sub-categoria, a maioria das unidades de análise foram repetidas em dois Lares. Foi o caso do apoio prático e futuro, a referência do mais velho para o mais novo, onde o irmão(ã) mais velho(a) surgiu como modelo a seguir. Esta unidade foi definida a partir dos seguintes trechos: “a irmã mais velha de alguma forma orientava-a, deu-lhe bons princípios” (Lar 1), ou “o // trouxe isso da irmã ... uma miúda que no quarto dela, pelo menos, é sempre organizada, arrumada, ela transmitiu isso ao irmão e o irmão aprendeu isso com ela”, “acho que foi a irmã que lhe transmitiu todos esses valores” (Lar 3).

A referência que o irmão representa no desconhecido, o elo de ligação e de continuidade da família, o facto de sentirem menos dor na retirada ao serem acolhidos com os irmãos, funcionando este factor como “*buffer*”, também foram unidades duplamente referidas nos grupos.

Um técnico do Lar 2 referiu, a propósito de um par de irmãos, que o mais novo “*em certas situações punha travão no irmão*” e o mesmo foi concluído por um participante do Lar 3 ao dizer: “*eles acabam por se conter em função do irmão que vêm à frente*”. A partir destas ideias criou-se a unidade do papel contentor na medida em que foi a situações de agressividade e ataques de fúria que os técnicos se referiram.

Reportado por dois Lares foi também a re-aprendizagem do papel de irmãos, quer ao nível afectivo, em que um irmão mais velho, “*que normalmente rejeita o*” mais novo começa “*a tomar consciência do irmão e*” começa “*a sentir um bocadinho mais de sentimento de protecção*”, quer ao nível da dependência e da responsabilidade, na medida em que, “*há meninos que chegam aqui tão dependentes que tem que se trabalhar...*”, “*a ////////// chegou aqui cuidadora da ////////// e foi um trabalho muito grande e neste momento está no polo oposto*” (Lar 3). “*O quererem cuidar e quererem assumir as funções de pais que não têm com eles (...) tem que ser trabalhado com uma equipa de adultos que mostre que não, estão cá eles para resolver a situação...*”.

O reforço de laços entre os irmãos, as vivências comuns e as histórias partilhadas, o cuidado e a preocupação fraternos foram também unidades típicas, referidas em dois Lares.

Apesar de só terem sido mencionadas por um Lar, e sempre o Lar 3, que tem a especificidade de acolher exclusivamente fratrias, conforme descrito na tabela 1 (*ver supra*), consideramos importante registar as unidades que se seguem pela sua especificidade. O papel contentor na sexualidade do grupo foi apontado como um factor positivo do acolhimento de fratrias, na medida em que os jovens, “*têm que viver o abuso dos outros*” aos seus irmãos e irmãs, e por isso contêm-se mais do que se não estivessem tão expostos a essa situação (“*se não fossem todos irmãos eu queria ver...*”), acabando por não fazer aos outros o que não querem que lhes façam a eles, ou melhor, às irmãs. Esta percepção foi discutida pelos 6 técnicos do Lar 3, baseados na sua experiência diária com fratrias na pré e na adolescência. Os técnicos acabaram por concluir que “*há*

elementos reguladores cá em casa... naturais”, “eles controlam-se”. A percepção dos motivos da retirada foi outra unidade de análise apenas referida pelos técnicos do Lar 3 e pode ser percebida através deste excerto da transcrição: “eu imagino que se fossem postos num contexto completamente longe dos irmãos... que fosse uma coisa muito mais de começar do 0 e muito mais distante dos problemas que os leva a estar cá” seria mais difícil fazê-los perceber as razões da retirada. O mesmo aconteceu com a percepção das crianças e jovens relativamente aquilo que têm que mudar neles e com as famílias: “estarem todos juntos acabam por se deparar mais vezes e por terem mais presente a situação original das famílias deles, os problemas do dia-a-dia deles”.

Num Lar que tem como critério de acolhimento a fratria é quase inevitável que haja uma *“faixa etária dispersa, quer ambos os sexos... “ o que “obriga a uma série de cuidados”, mas “neste mesmo argumento há depois aspectos positivos...”* diz um técnico do Lar 3, ao que acrescenta uma técnica do mesmo: *“a heterogeneidade também traz riqueza, não é ?”*. Apesar de não estarmos ainda a analisar a categoria dos pontos negativos do acolhimento de irmãos, onde o trecho que se segue se incluiu, é pertinente neste momento confrontar a opinião de dois técnicos do Lar 2 com a questão da heterogeneidade ao nível da idade e do sexo: *“mas atenção que só podes acolher jovens de diferentes idades e diferentes sexos quando muito jovens... que é para serem trabalhados... muito cedo”, “se for uma diferença muito acentuada de 6/7 anos pode ser prejudicial...”*.

Finalizamos esta análise com a percepção de uma parentificação positiva relativamente a uma criança cuja mãe estava muito doente e que *“a irmã era a cuidadora dele”, “...quase que poderíamos estar aqui a falar de um processo entre mãe e filho”*. Na tabela 6 são enunciadas as duas unidades de análise identificadas pelos técnicos relativamente aos pontos positivos no acolhimento de irmãos no que diz respeito às famílias.

Tabela 6 - Pontos positivos no acolhimento de fratrias relativamente às famílias

Unidades de análise (Famílias)	Geral	Típica	Variante
Facilidade de visitas		x	
Facilidade na relação com técnicos		x	

Nota: Para a amostra total (n = 4) Geral = 4; Típico = 3 – 2; Variante = 1

Partindo da análise de conteúdo da sub-categoria dos pontos positivos do acolhimento relativamente às famílias foi possível identificar duas unidades de análise típicas, uma delas comum a três Lares da amostra e outra apenas a dois.

O facto de estar um grupo de irmãos acolhido no mesmo Lar *“acaba por facilitar, como é óbvio, imagine se os irmãos estivessem separados, se calhar o pai não... ou a mãe... não iria com tanta frequência, não é? Ou se calhar não tinham tantas possibilidades de ir de Lar em Lar...”* (Lar 1); *“agente vê a dificuldade que aquela mulher tem de ir visitar todos os filhos!...porque tem os filhos em vários Lares”* (Lar 3) *“lá tem que ir à segunda visitar aqueles, à quarta a outra... depois torna-se complicado também para eles...”* (Lar 4).

Os participantes referiram igualmente que também a relação com os técnicos fica facilitada se o contacto for só com um Lar, na medida em que, *“é benéfico no ponto de vista que só tem que se relacionar com uma instituição”*, podem *“ter expectativas em diferentes Lares”*, *“os técnicos são diferentes”*, *“os objectivos que são trabalhados são diferentes”*, *“e prejudica porque se começa a funcionar por comparação”* (Lar 3). *“Enquanto estar um técnico juntamente com uma equipa local a desenvolver um projecto com a família (...) não há 30 vezes mais informação entre essas duas equipas...têm ali os filhos todos e podem funcionar muito melhor”* (Lar 4). Na tabela 7 elencam-se as unidades de análise identificadas pelos técnicos relativamente aos pontos positivos no acolhimento de irmãos relativamente ao seu trabalho.

Tabela 7 - Pontos positivos no acolhimento de fratrias relativamente aos técnicos

Unidades de análise (Técnicos)	Geral	Típica	Variante
Facilidade no trabalho com famílias		x	
Dificuldades de fuga			x
Facilidade no trabalho com as crianças			x

Nota: Para a amostra total (n = 4) Geral = 4; Típico = 3 – 2; Variante = 1

Relativamente aos pontos positivos no acolhimento de irmãos, no que diz respeito aos técnicos, foi abordada por três Lares a facilidade de trabalho com as famílias, por serem menos, e possibilitarem mais informação sobre o seu funcionamento, *“porque*

vemos parte dessa dinâmica cá em casa” (Lar 3). Apenas o Lar 3 referiu a dificuldade nas fugas, pois “*um fugir de um Lar é fácil, agora imagina 5 a fugir...*”, e a facilidade no trabalho com as crianças, na medida em que são confrontadas com os seus traços de personalidade menos positivos, como, “*por exemplo, uma //////////////, que é intrigista (...)* se calhar se estivesse noutra sítio sozinha ela prolongaria esta coisa da intriga e da mentira e pode ser que desta forma o consigamos trabalhar, que acaba por ser o essencial... porque ela é muito confrontada com esta situação...”.

3.2. Percepção dos pontos negativos no acolhimento de fratrias

Na tabela 8 são enunciadas as unidades de análise, resultantes da codificação da informação fornecida pelos 4 grupos focais realizados neste trabalho, no que se refere aos pontos negativos no acolhimento de irmãos. Tal como na categoria dos pontos positivos, também esta se sub-dividiu, contudo, apenas em duas sub-categorias, uma relativa às crianças e outra aos técnicos. Aspectos negativos para as famílias não foram mencionados pelos participantes.

Tabela 8 - Pontos negativos no acolhimento de fratrias relativamente às crianças

Unidades de análise (Crianças)	Geral	Típica	Variante
Dependência			x
Momentos de saída diferentes		x	
Parentificação negativa		x	
Modelos negativos/continuação/repetição das dinâmicas familiares negativas		x	
Diferenças de idade:			x
Desenvolvimentos precoces			
Diferenças de idade:			x
Percurso de vida diferentes			

Nota: Para a amostra total (n = 4) Geral = 4; Típico = 3 – 2; Variante = 1

Não resultou nenhuma unidade geral da análise da sub-categoria dos pontos negativos do acolhimento de irmãos, relativamente às crianças. Contaram-se três típicas e três variantes.

Partindo de um caso específico, a dependência foi vista pelos técnicos do Lar 2 como um aspecto negativo do acolhimento de irmãos no mesmo Lar, na medida em que *“o irmão, se formos a ver, acabava por ser uma bengala”*, assim como os momentos de saída diferentes. Esta ideia também foi defendida pelo Lar 1, quando uma técnica recordou uma situação complicada em que a jovem mais velha saiu aos 18 anos e foi viver com a mãe e os outros também queriam ir. Um técnico do Lar 2 frisou o desamparo do irmão que fica no Lar, na altura em que o irmão mais velho tem que sair, e outro comentou que *“raramente saiem dois irmãos ao mesmo tempo”*.

A questão da parentificação foi encarada supra pelo lado positivo, mas nesta sede foi vista como negativa: *“ela queria tomar conta deles mas nem dela era capaz de tomar conta... e não era muito benéfico estar com os outros 4 mais novos...”* (Lar 2).

O facto das fratrias irem juntas para o Lar, do ponto de vista de dois Lares, pode potenciar a repetição das dinâmicas familiares negativas pois *“acontece que as mais velhas depois têm referências dos pais, enfim... de maus tratos...”* (Lar 1) e *“há situações em que se calhar não é assim tão vantajoso os irmãos irem juntos (...)* situações em que há tantas perturbações de comportamento e tantos modelos negativos familiares que irem os irmãos juntos vai potenciar a repetição desses modelos...” (Lar 4). Adicionalmente, foi referido que os mais velhos *“muitas vezes não são um bom exemplo (...) e acabam por ser modelos dos mais novos, modelos negativos”* (Lar 1). Na sequência desta análise, os técnicos do Lar 4, recordaram uma situação em que houve possibilidade de juntar dois irmãos, um rapaz e uma rapariga, e não se optou pela união devido à influência negativa que o irmão poderia ter na irmã, que se encontrava bem adaptada ao Lar e à escola onde estava. Neste caso, a união *“não fez sentido algum”* (Lar 4). A unidade de análise relativa à diferença de idades teve várias abordagens ao longo das discussões nos grupos. Optou-se por analisar cada uma individualmente. No primeiro Lar foi referido, desde logo, o desenvolvimento precoce que o convívio de crianças com adolescentes potenciava. No segundo Lar associaram as diferenças de idade a diferentes percursos de vida, e dois dos técnicos defenderam que só se podem acolher jovens de diferentes idades e diferentes sexos quando muito jovens para *“poderem ser trabalhados”* (Lar 2). Neste Lar perceberam esta unidade de análise como um aspecto negativo do acolhimento relativamente ao trabalho dos técnicos, como veremos no final da análise

que se segue. Na tabela 9 elencam-se as unidades de análise identificadas pelos técnicos relativamente aos pontos negativos no acolhimento de irmãos relativamente ao seu trabalho.

Tabela 9 - Pontos negativos no acolhimento de fratrias relativamente aos técnicos

Unidades de análise (Técnicos)	Geral	Típica	Variante
Conflitos (entre eles e com os pares)	x		
Jogos de protecção na fratria/dificuldade de mediação de conflitos		x	
Trabalhar sentimento de perda			x
Projectos de vida diferentes	x		
Projectos de vida por definir		x	
Dificuldade no trabalho de autonomia			x
Gestão de poderes dentro do grupo			x
Gestão das dinâmicas familiares			x
Diferenças de idade: dificuldade na organização de actividades			x

Nota: Para a amostra total (n = 4) Geral = 4; Típico = 3 – 2; Variante = 1

A existência de conflitos entre irmãos e com as outras crianças e jovens do Lar encontrou consenso nos 4 grupos, tal como os projectos de vida diferentes serem uma dificuldade para o trabalho dos técnicos que lidam com fratrias. A primeira unidade de análise baseou-se em excertos como os que se seguem: “*O não se falarem, o de se odiarem, o de um gostar mais da mãe e o outro gostar mais do pai...*” (Lar 1), o “*relacionamento de constante disputa e de luta entre os dois...penso que fez melhor ao irmão, ao que está, a saída do irmão (...) era mau relacionamento mesmo (...) descarregava sobre o irmão*” (Lar 2). “*Nem sempre as coisas são harmoniosas entre as várias faixas etárias*” “*e há miúdos com uma forma tão violenta de se impor, que de facto seria muito agressivo estar a juntar crianças pequeninas que não têm como se defender...*” (Lar 3). “*Há de certeza irmãos que se maltratam muito uns aos outros...nem que seja pela violência familiar que têm ser tão complicada... a maneira como agem entre eles é de uma agressividade atroz e não sabem relacionar-se de outra maneira (...)* muito mais importante é separarem-se...” (Lar 4).

Relativamente aos diferentes projectos de vida para cada um dos irmãos, os técnicos dos 4 Lares concordaram ser um ponto negativo para o seu trabalho com as fratrias como resulta dos seguintes trechos: *“Se for uma criança com 14/15 anos que tenha um bebé com três meses eu prefiro separar os irmãos e o de 3 meses ser adoptado porque o de 15 passado 3 anos sai do Lar aos 18 e tem a vida dele...”* (Lar 1). Nos *“casos de adopção, em que realmente não faça sentido o retorno à família, (...) para que vamos meter os miúdos todos juntos numa instituição...quando vão ser separados? (...) há situações em que não faz assim tanto sentido estarmos a acolher irmãos em conjunto...”* (Lar 4). Um técnico do Lar 2 também referiu que o percurso de vida das crianças com grandes diferenças de idade vai ser distinto e, *“em princípio, seguem-se caminhos diferentes”*. Sem lhe querer chamar aspecto negativo, uma técnica do Lar 3 relatou que *“nem todas as nossas jovens têm o projecto de vida definido... nós temos inibido parte dos contactos que até poderíamos ter, porque temos que saber, efectivamente, não podemos estar a levantar determinadas expectativas que depois vamos ter que gorar (...) não é positivo nem negativo, mas efectivamente, aquilo que pode trazer dificuldades é ter projectos de vida diferentes e os miúdos estão muito tempo aqui a reaprender a ser irmãos, a legitimar a alguns o seu papel de protecção, a reforçar elos porque estão fora da família... e depois terem que ser separados porque os projectos são muito diferentes... esse é o aspecto mais complicado...”*. Na análise optou-se por incluir este discurso nesta sub-categoria, apesar da relutância da técnica em apelidar este aspecto negativo.

Os jogos de protecção na fratria e a dificuldade dos técnicos em mediar conflitos que envolvam irmãos foram vistos por três Lares como aspectos negativos inerentes aos irmãos estarem juntos no Lar. Os técnicos, em geral, afirmam ter dificuldade em intervir com os irmãos devido à protecção e à união entre eles, chegando a referir que *“se estivessem separados tínhamos conseguido trabalhá-los de forma diferente, não se tinham unido tanto, não se tinham fechado...”* (Lar 1). Uma técnica do Lar 3 relatou que *“é muito mais fácil quando há um conflito com duas crianças se elas não tivessem cá irmão nenhum, se calhar aquele conflito ia ficar entre aqueles dois e ia ser mediado de forma mais fácil...”*. Também um técnico do Lar 2 referiu que em situações em que tem que haver uma intervenção dos técnicos *“às vezes é um pouco complicado porque há*

sempre uma protecção do outro irmão que lá está (...) e, às vezes, é difícil haver alguma intervenção”. Apesar de tudo, uma técnica do Lar 1 concluiu que “poderá ser mais exigente ter que trabalhar com os irmãos, que se podem fechar, (...) mas o que é mais difícil não é o que é pior...”.

Outra unidade de análise que encontrou eco em mais de um grupo de discussão foi a falta de definição de alguns projectos de vida, *“a falta de celeridade”* neste processo (Lar 3). Apesar desta unidade ter a ver com os projectos de vida diferentes, supra analisada, encerra um aspecto que merece ser abordado individualmente, que a remete também para os critérios do acolhimento de irmãos que vêm analisados adiante. Esta prende-se com a análise prévia que se faz da situação da fratria, sendo que se *“se parte do princípio que o critério é manter a fratria unida acho que não se deve meter a hipótese de vir a adoptar...”* (Lar 2), pois *“não é possível fazer uma pausa e a vida continuar, as crianças estão a aprender... a crescer, a relacionar (...) estão a passar os dias, as semanas e os meses e as crianças estão a adquirir uma estrutura”* e *“isto é muito negativo”* (Lar 3).

Uma técnica do Lar 1 declarou que um aspecto negativo do acolhimento de irmãos é o trabalho do sentimento de perda por parte do técnico que lida diariamente com a criança. Os técnicos do Lar 3 apresentaram uma série de aspectos negativos ligados ao seu trabalho diário com os grupos de irmãos que acolhem, como a dificuldade de trabalhar a independência e a autonomia das crianças, a dificuldade de gerir os poderes dentro do grupo, na medida em que há vários grupos etários e *“nem sempre as coisas são harmoniosas”*. Também afirmaram sentir maior exigência na gestão das dinâmicas familiares, apesar de olharem para este aspecto de uma forma positiva como se pode confirmar no excerto seguinte: *“o que se põe como mais difícil e o que se põe como mais em causa é mesmo a nossa capacidade, não vou dizer dificuldade ... a nossa capacidade em poder trabalhar com dinâmicas familiares que vêm para aqui, que depois interagem com outras dinâmicas familiares... mas muito sinceramente, eu acho que isso é possível...”*.

Por fim, dentro da unidade de análise das diferenças de idade já abordada supra, outro aspecto, relativo ao trabalho dos técnicos, foi a dificuldade em organizar actividades para as crianças e jovens quando há faixas etárias dispersas, nomeadamente,

quando há poucos mais novos e muitos mais velhos. Esta observação dos técnicos do Lar 2 prendeu-se com uma situação vivenciada no Lar numa altura em que tiveram acolhida uma criança de 12 anos com um grupo acima dos 15 anos de idade, em que *“na questão de ocupação dos tempos livres dos jovens... eles juntavam-se e iam sozinhos para a praia... para outras actividades e o ////////// não ia, porque não podia ir sozinho”*.

3.3. Critérios reais na decisão de acolher fratrias

A tabela 10 apresenta a lista dos critérios que os técnicos dos 4 Lares da amostra consideraram ser levados a cabo na decisão de acolher irmãos, retirados do seio familiar, na realidade portuguesa.

Tabela 10 - Critérios reais na decisão de acolher fratrias

Unidades de análise	Geral	Típica	Variante
Vagas		x	
Idade		x	
Sexo		x	
Abuso sexual		x	
Escolha com base em necessidades de gestão do grupo		x	
Problemáticas (físicas/cognitivas) avaliação da melhor resposta		x	
Recursos físicos e humanos do Lar		x	
Localização do Lar			x
Regulamento interno do Lar			x
Estabilidade emocional			x

Nota: Para a amostra total (n = 4) Geral = 4; Típico = 3 – 2; Variante = 1

Da análise da categoria dos critérios reais percebidos pelos técnicos na decisão de acolher irmãos resultaram 10 unidades de análise, nenhuma delas unânime e apenas três variantes.

Nos Lares 1 e 2 da amostra nenhum dos técnicos afirmou ter competência para decidir sobre o acolhimento de crianças, na medida em que *“comunicamos à emergência as vagas que temos e eles dizem-nos: temos este caso, este e este...”* (Lar 1) e *“enquanto os Institutos Particulares de Solidariedade Social (IPSS) têm mais poder de escolha... e*

impõem facilmente os seus critérios para admissão de um jovem, nós aqui não temos assim tanto poder de escolha e, muitas vezes, são-nos impostos jovens mesmo que nós tenhamos imensas dificuldades, porque são casos específicos (...) nós não temos critérios ...são impostos". No entanto, todos eles debateram o tópico de acordo com as suas ideias e opiniões.

Desde logo, o critério percebido em primeiro lugar foi o das vagas nas instituições, *"porque não existem vagas assim (...) quando temos duas vagas, que é assim um milagre, tentamos logo pensar no caso de irmãos (...) "* mas *" não podemos ficar com as vagas, não é?"* (Lar 1). *"As vagas são, muitas vezes, um grande critério"* (Lar 2) e *"às vezes não há mesmo vagas, não é?"*, apesar da *"permissa que é bom estarem os irmãos juntos"* (Lar 4). A idade e o sexo foram, também eles, critérios facilmente identificados pelos Lares, na medida em que há Lares que só aceitam raparigas ou rapazes, e outros há que colocam limites de idade ao acolhimento, normalmente, tomando os 12 anos como marco de separação. O Lar 2 pertence ao Instituto da Segurança Social (ISS) e um dos técnicos referiu que no ISS *"não há Lares mistos, a não ser dos pequeninos... até aos 12"*, o que dita logo dois critérios: o sexo e a idade. A questão do abuso sexual fraterno surgiu para dois Lares como um critério de exclusão da possibilidade de acolher os irmãos juntos *"quando há um historial de abusos não pode haver... não pode..."* (Lar 2).

Enquanto para dois dos Lares as crianças a acolher são "impostas", os Lares 3 e 4 relataram ter alguma influência no processo de selecção e referiram ter em conta, nesta decisão, as necessidades de gestão do grupo, pensando nas dificuldades que um ou outro jovem poderá trazer para a gestão diária do Lar, acabando *"por haver critérios a pensar no todo, pensar no grupo e até menos na família..."*. *"Criam-se certas regras para proteger... para prever determinados problemas devido à falta de capacidade instalada"* (Lar 3). Também uma técnica do Lar 4 referiu que ainda se podem *"dar ao luxo, entre aspas (...) de escolher o que é que nos convém mais"* ou *"ao que é que podíamos dar melhor resposta"*, de forma a dar continuidade ao *"ambiente tranquilo"* que sentem ter na casa. Na sequência do discurso sobre dar a melhor resposta às crianças que acolhem, uma técnica do Lar 3 descreveu um exemplo onde acolher dois irmãos juntos poderia ser prejudicial para as crianças devido a problemas de saúde psíquica: *"se na fratria existe*

um miúdo com necessidades muito específicas...por exemplo, uma psicose ou... um atraso de desenvolvimento severo, em que o estar com o irmão iria impedir o seu pleno desenvolvimento, então deverá ser separado em ordem a que aquele que precisa desse trabalho mais intenso possa tê-lo". Por outro lado, um técnico do Lar 2 relatou um caso de um jovem que tinha dificuldades motoras com as quais a equipa não estava especializada para lidar e, por fim, o Lar 4 abordou a importância da necessidade de se ter em conta a problemática, subjacente ao agregado, na hora da decisão de acolher ou não as crianças, sempre com vista ao acompanhamento que se lhe pode, ou não dar naquele momento. *"Nós neste momento era impensável termos mais miúdos que fossemos fazer mais algaliações (...) nós não tínhamos capacidade de dar resposta... e isso também conta..."* (Lar 4).

Um técnico do Lar 2, a propósito de uma criança com problemas motores, que esteve acolhida no Lar, trouxe à discussão o critério dos recursos físicos dos Lares, na medida em que a configuração do Lar, neste caso com escadas, não se adequava ao acolhimento daquela criança. Nesta linha de debate, foram ainda comentadas as áreas das divisões dos Lares, pois *"tiram-nos de casa porque não têm condições (...) e vão-se meter num Lar onde estão três e quatro jovens metidos num cubículo... não me parece muito coerente"*, *"os recursos acabam por ser poucos e (...) acabam por se focar mais na idade e no sexo... agora há outras variáveis que são possíveis ser tomadas em conta..."*. Relativamente aos recursos humanos como critério para acolher crianças, uma técnica do Lar 3 referiu que as escolhas das crianças e jovens a acolher são *"de acordo com todos os recursos que cada instituição tem... quer físicos quer humanos..."*. Muitos técnicos deste Lar, principalmente os que lidam diariamente com as crianças e os jovens, tinham pouca experiência na área do acolhimento. Contudo, eram uma equipa multidisciplinar e heterogénea, que percepcionava ter uma *"predisposição humana inata"* para o trabalho em Lar e *"disponibilidade para aprender e crescer"*. Quanto ao pouco tempo de trabalho na área concluíram *"...e a pouca experiência...? não estamos viciados!"*.

A localização do Lar foi apontada como um critério na decisão do acolhimento das crianças, ainda que tenha sido observado por dois lados. O Lar 3 centrou-se na altura do acolhimento de emergência, onde em situações muito graves e violentas, possa ser

aconselhável que as crianças sejam acolhidas longe da zona de residência “*para os pais não descobrirem onde estão*”. Por outro lado, uma técnica do Lar 4 referiu que “*não faz sentido, por exemplo, juntar dois irmãos no Porto quando a família está em Lisboa, e se calhar mais vale separar dois irmãos em dois Lares diferentes em Lisboa do que irem os dois para o Porto*” e fiquem longe da família.

Uma técnica do Lar 3 confessou não saber quais são os critérios que presidem à decisão de acolher, ou não, irmãos em Lar, no entanto, referiu que estes poderiam constar do regulamento interno da instituição, ideia que não recebeu concordância por parte dos colegas. Uma outra técnica do Lar 2 considerou a estabilidade emocional das crianças um critério a ter em conta na decisão do acolhimento conjunto ou separado de irmãos, ideia que também não obteve eco no grupo.

3.4. Critérios ideais na decisão de acolher fratrias

Na tabela 11 estão enunciados os critérios que os técnicos consideraram dever ser tidos em conta na decisão de acolher irmãos - são por isso designados critérios ideais.

Na análise de conteúdo realizada à categoria dos critérios ideias foram apenas codificadas 4 unidades de análise e apenas uma delas foi repetida.

Tabela 11 - Critérios ideais na decisão de acolher fratrias

Unidades de análise	Geral	Típica	Variante
Avaliação da relação da fratria e das razões de retirada/história antes da institucionalização		x	
Definição do projecto de vida na emergência			x
Opinião das crianças			x
Ambiente familiar			x

Nota: Para a amostra total (n = 4) Geral = 4; Típico = 3 – 2; Variante = 1

Tanto o Lar 2 como o Lar 4 consideraram deveras importante que, antes do acolhimento de irmãos, se analisasse todo o processo. “*Se tudo indica que aqueles miúdos devem retornar à família ou vão andar... ou vão continuar a estar juntos e a ter relação... então faz sentido irem juntos (...) a avaliação é essencial*”, mas muitas vezes o processo de avaliação “*não está feito... não há projecto de vida... não se sabe se a*

fratria interessa se não interessa... desde logo aí... se o processo inicial estiver feito... uma pessoa decide, ou não, se vale a pena, ou não, manter a fratria” (Lar 4). Um técnico do Lar 2 participou no mesmo sentido, ao referir que “parte-se do princípio que devam ficar todos juntos... mas depende muito das situações da história de vida até à institucionalização (...) por vezes não há uma grande análise ao início da situação”. Na sequência desta temática, o mesmo técnico do Lar 2, supra referido, defendeu que “o Lar de emergência pode ser tido um pouco para isso... para antes de dar o próximo passo se decidir se se mantem a fratria unida, se há algum elemento que seja para adopção... e antes de partir para outro Lar tomar-se uma decisão...”.

A audição da opinião dos interessados, isto é das crianças e dos jovens, de acordo com uma técnica do Lar 4, foi mencionada como importante na decisão de juntar ou separar irmãos. Esta técnica referiu um caso em que se perguntou à irmã se queria deixar o Lar e a escola onde estava para ir para junto do irmão, mas a criança disse que não e a sua opinião foi respeitada.

Finalmente, o ambiente familiar como critério de acolhimento de fratrias também foi abordado pelos técnicos do Lar 2 neste sentido: “o ideal seria quanto menos melhor... numa casa de acolhimento (...) ter meia dúzia de jovens numa casa... num ambiente mais familiar pode jogar com muitas coisas... num ambiente mais familiar consegue-se conter diferentes sexos, diferentes idades, porque é um trabalho mais apoiado, mais direccionado... mais individualizado e se calhar já consegue jogar com situações mais complicadas... é uma situação familiar”. Importa acrescentar, para uma análise mais fiel da discussão sobre este ponto, que dois dos técnicos do Lar 2, na sequência desta tomada de posição, continuaram a defender que “mas aí terás sempre o critério da idade” e o outro sublinhou ainda: “mas atenção que só podes acolher jovens de diferentes idades e diferentes sexos quando muito jovens que é para serem trabalhados muito cedo...”. Podemos concluir que neste último ponto, não se alcançou consenso dentro do próprio grupo.

3.5. Conclusão – Estudo 1

Resultaram do estudo 1, realizado com os técnicos de Lar de Infância e Juventude,

apenas três ideias gerais. Como aspecto positivo do acolhimento de irmãos, relativamente à criança, identificou-se a protecção nos 4 Lares da amostra. Como aspectos negativos, apontaram-se com unanimidade os conflitos existentes entre os irmãos e com os pares e a falta de definição dos projectos de vida aquando o acolhimento conjunto ou separado.

Podemos concluir que houve uma prevalência dos aspectos positivos (24) sobre os negativos (15) no acolhimento de fratrias e que os técnicos identificaram critérios para o acolhimento de crianças no plano real, com base na sua experiência e conhecimento, sendo distintos dos que apontaram como ideais. Confirmou-se a ideia constante na literatura sobre a existência de poucas evidências empíricas que apoiem as razões para manter ou separar irmãos em acolhimento (Kosonen, 1996). Na sua maioria (29) as ideias surgiram repetidas em 2 ou 3 grupos da amostra, sendo que 21 foram singularmente referidas.

4 – Método

Estudo 2

Depois de perceber as ideias dos profissionais de Lar de Infância e Juventude, redireccionou-se o estudo para as crianças e jovens que vivem a realidade da retirada do meio natural de vida e, posterior, acolhimento. Considerou-se de extrema importância chegar às ideias, opiniões e experiências que estas crianças integram e, para esse efeito, realizaram-se 26 entrevistas, seguidas da aplicação de um questionário de Suporte Social percebido. Este estudo, de natureza qualitativa e quantitativa, está desenvolvido infra.

4.1. Amostra

A amostra do estudo 2 foi constituída por dois grupos de crianças e jovens dos 11 aos 18 anos, de ambos os sexos, num total de 26. O primeiro grupo foi composto por 14 crianças e jovens acolhidos com os irmãos, tendo em conta o momento da primeira retirada do meio natural de vida (grupo 1). O segundo, contou com 12 crianças e jovens separados dos irmãos no momento da primeira retirada do meio natural de vida (grupo 2).

A tabela 12 apresenta as características sócio-demográficas das crianças e dos jovens que compõem a amostra do estudo 2.

Tabela 12 - Caracterização socio-demográfica da amostra de crianças e jovens

Características Demográficas	Frequência	Percentagem (%)	Média (DP)
Sexo: F	14	53.8	
M	12	46.2	
Idade			14.00 (2.08)
Etnia: Caucasiana	18	69.2%	
Caboverdiana	2	7.7%	
Guineense	2	7.7%	
Bi-racial	4	15.4%	
Ano de escolaridade			7.15 (2.29)
Primeiro acolhimento com irmãos	14	53.8%	
Primeiro acolhimento sem irmãos	12	46.2%	
Acolhidos com irmãos	10	38.5%	
Acolhidos sem irmãos	16	61.5%	
Tempo de acolhimento			3.62 (3.48)
Agregado familiar anterior ao acolhimento:			
Família nuclear com irmãos	10	38.5%	
Família monoparental com irmãos	8	30.8%	
Família alargada com irmãos	6	23.1%	
Família não biológica com irmãos	1	3.8%	
Família não biológica sem irmãos	1	3.8%	

A amostra das crianças e jovens foi composta por 14 raparigas (53.8%) e 12 rapazes (46.2%), com uma média de idades de 14 e um desvio padrão de 2.08. Os participantes foram, na sua maioria, caucasianos (69.2%), 2 irmãos eram caboverdianos (7.7%), 2 jovens guineenses (7.7%) e 4 luso-africanos (15.4%).

A maioria dos jovens frequentava o 5.º ano de escolaridade (19.2%), seguindo-se, em igual número, os participantes que frequentavam o 6.º (15.4%), o 7.º (15.4%) e cursos

técnico-profissionais com equivalência ao 10.º, 11.º e 12.º ano (15.4%). A média obtida no ano de escolaridade foi 7.15, com o desvio padrão de 2.29.

A média do tempo de acolhimento foi 3.62, com o desvio padrão de 3.48. No que concerne a esta variável, o máximo foram 11 anos e o mínimo 1 mês e meio, que se inclui no escalão “há menos de um ano”. Seis dos jovens da amostra total foram acolhidos há um ano (23.1%), sendo que 15.4% vivem em Lar há menos de um ano, 15.4% há 2 anos e 15.4% há 6 anos.

Na sua maioria as crianças e jovens da amostra, antes do acolhimento, viviam com a família nuclear e os irmãos (38.5%) ou só com a mãe ou o pai e os irmãos (30.8%). Seguem-se os participantes que viviam com a família alargada e os irmãos (23.1%). Apenas dois viviam com a família não biológica, e apenas uma jovem vivia sem irmãos (3.8%), apesar de ter contacto com estes.

No primeiro acolhimento 53.8% da amostra ficou com os irmãos no Lar e 46.2% foi separado da fratria. Ao longo do acolhimento, 4 dos jovens que foram acolhidos com irmãos ficaram sozinhos no Lar, devido a várias situações como a adopção dos irmãos mais novos, a saída dos irmãos mais velhos por atingirem a maioridade e a saída da irmã mais velha por gravidez adolescente. Actualmente, viviam com os irmãos no Lar apenas 10 crianças (38.5%) e 61.5% estavam sozinhos. Na medida em que o objectivo deste estudo se centra na importância dos irmãos nos primeiros tempos do acolhimento, nomeadamente, no primeiro dia, estes participantes constituem o grupo 1 da amostra, acolhidos com irmãos. Todas as crianças e jovens que vivem sem os irmãos mantêm o contacto com pelo menos um deles.

4.2. Instrumentos

4.2.1. Entrevistas

Apesar de ser uma população considerada particularmente difícil de entrevistar (Breakwell, 2000), optou-se pela entrevista semi-estruturada como método de recolha de dados para este segundo estudo com crianças, a par de um questionário de suporte social, descrito mais adiante no (ver 4.2.2.). A entrevista pode ser usada em qualquer fase da

investigação e ser complementada com outras técnicas de pesquisa, como por exemplo, o questionário (Breakwell, 2000).

O desenho do guião da entrevista deve servir os objectivos da investigação, utilizando termos acessíveis ao entrevistado, motivando-o para a comunicação (Cannell & Kahn, 1951). Este aspecto torna-se ainda mais importante quando os entrevistados são crianças, na medida em que estas tendem a não contradizer os adultos e a dizer “sim” e “não sei” com muita frequência. Torna-se essencial evitar dar-lhe pistas sobre o que se espera que elas respondam, encorajando-as para darem as suas opiniões sobre o que lhes é perguntado, valorizando-as. Devem afastar-se as metáforas e as analogias nas perguntas, pois as crianças interpretam literalmente o que lhes é questionado (Breakwell, 2000). A sequência das questões deve transmitir coerência ao entrevistado e deve permitir a passagem fluida de um item para outro (Cannell & Kahn, 1951). Optou-se por uma entrevista curta, um guião com apenas quatro questões fixas, tendo em conta a literatura que refere que seria demasiado optimista esperar mais de 15 minutos de boa informação em entrevistas com crianças, mesmo em condições óptimas (Breakwell, 2000).

Tal como sucedeu na elaboração do guião do grupo focal, num primeiro momento, partiu-se da literatura e dos objectivos do estudo para definir os tópicos que se queriam ver desenvolvidos pelas crianças. Focou-se o primeiro dia de acolhimento como ponto de partida para a entrevista, com o objectivo de perceber se a presença, ou a ausência, dos irmãos se reflectia nas respostas das crianças. Seguindo a mesma lógica de perceber a importância que é dada ao apoio fraterno dentro do Lar, partindo das percepções das crianças e jovens, na segunda questão, pediu-se a narração de um dia importante durante o acolhimento. Por fim, aborda-se o tema directamente, perguntando aos participantes que foram acolhidos com os irmãos, como é viver com irmãos e como seria viver sem eles no Lar; por outro lado, inverte-se a lógica com o grupo 2, perguntando-lhe como é viver sem os irmãos e como seria viver com eles no Lar. A tabela 13 (*ver Anexo*) apresenta o guião das entrevistas realizadas às crianças e jovens da amostra do estudo 2.

No primeiro e no segundo tópico, utilizaram-se perguntas de resposta breve, com o objectivo de situar as crianças no tempo, para depois poderem recordar acontecimentos

e sentimentos referentes à altura. O que fez das entrevistas realizadas, a partir deste guião, entrevistas semi-estruturadas foi o facto das perguntas funcionarem como um ponto de partida para a entrevista. O guião abriu-se a outras questões não previstas, que no decorrer da conversa fizeram sentido, como por exemplo, uma questão mais geral pedindo-lhe a opinião sobre a separação de irmãos em acolhimento, ou mesmo para reflectirem sobre os critérios que poderiam levar a essa separação. Estas questões mais abstractas tiveram em conta a maturidade e facilidade de comunicação dos entrevistados.

4.2.2. Questionário de Apoio Social (QAS) ¹

Segundo alguns autores, o suporte social é um dos mecanismos mais eficazes para lidar com acontecimentos stressantes (Kim, Sherman & Taylor, 2008) e tem sido descrito como um construto global que reflecte um sentimento, igualmente global, de ser amado, valorizado e aceite pela rede social (I.G. Sarason, Sarason & Pierce, 1994). As relações entre os indivíduos são, portanto, inerentes ao suporte social (Kim, et al., 2008).

De acordo com a literatura, o suporte social nas crianças é um poderoso factor de protecção predictor de auto-estima (Franco & Levitt, 1998), desempenho escolar (Suarez & Baker, 1997), saúde (Finkenauer & Rime, 1998) e bem-estar emocional (Lepore, Silver, Wortman & Wayment, 1996). Inversamente, a falta deste suporte tem sido associada, em estudos com crianças, a problemas de adaptação, comportamentos agressivos (Anan & Barnett, 1999), depressão (Kliwer, Lepore, Oskin & Johnson, 1998) e problemas escolares (Wenz-Gross & Siperstein, 1998) (cit. in Hagen, Myers & Mackintosh, 2005). Partindo da literatura revista supra (ver 1.4., 1.5. e 1.6.) os irmãos podem ser fonte de companhia, ajuda ou apoio emocional (Furman & Buhrmester, 1985) em todos os contextos e surgem como fonte de suporte (Ryan, 2002) no acolhimento, na medida em que a sua presença pode facilitar a adaptação a situações de stress (Hegar, 2005; James et al., 2008; Hegar, 1988). Considerou-se pertinente avaliar, no estudo 2, a variável do suporte social, comparando o grupo cujo primeiro acolhimento foi com irmãos (grupo 1) com o grupo acolhido sem irmãos (grupo 2). Na sua generalidade, as

¹ Conscientes da distinção que alguma literatura (e.g. Gregory, Sarason, I.G. Sarason, 1996) faz entre os termos *Suporte Social* e *Apoio Social*, neste trabalho, optou-se pela sua utilização como sinónimos.

crianças e os jovens apresentaram algumas dificuldades de expressão verbal nas entrevistas, pelo que se optou pelo questionário como forma complementar de análise e investigação. Contudo, teve-se sempre presente que o número de participantes dificilmente chegaria a conclusões estatisticamente representativas da população de crianças e jovens acolhidos em Lar com e sem irmãos, o que veio a confirmar-se nos resultados (*ver 5.2.*).

Optou-se pela versão portuguesa e reduzida do Questionário de Apoio Social (QAS), cujo original se intitula “*Social Support Questionnaire*” (SSQ). Foi introduzido por I.G. Sarason, Sarason, Levine & Basham em 1983 e, posteriormente traduzido para português, na sua versão alargada de 27 itens, por Moreira, Andrez, Moleiro, Silva, Aguiar e Bernardes em 2002. A versão reduzida foi apresentada em 1987 por I.G. Sarason, Sarason, Shearin e Pierce (1987) e foi traduzida pelos mesmos autores portugueses em 2002. Este instrumento (*ver Anexo*) “pretende avaliar duas dimensões do apoio social percebido: o número de pessoas disponíveis para fornecerem apoio” (“escala de disponibilidade de apoio”) “e a satisfação com o apoio disponível” (“escala de satisfação com o apoio) (Moreira et al., 2002, p. 57). O inquirido terá que referir, até ao máximo de 9, o número de pessoas que percebe como disponíveis para lhe prestar apoio em 6 domínios distintos, correspondentes a 6 itens. Por outro lado, o inquirido deve avaliar numa escala tipo Likert de 1 a 6 (de “muito insatisfeito” a “muito satisfeito”) o grau de satisfação com o apoio percebido.

De acordo com os autores (I.G. Sarason, Sarason, Shearin & Pierce, 1987; Moreira et al., 2002), as propriedades psicométricas do QAS revelaram excelentes níveis de precisão e elevada consistência interna com alphas de Cronbach na faixa de 0.90. Neste estudo, os índices de consistência interna observados foram muito bons ($\alpha=0.84$ para satisfação com suporte; $\alpha=0.87$ para número de indivíduos do suporte social).

4.3. Procedimento

As autorizações dos directores técnicos dos Lares para entrevistar e aplicar o questionário às crianças e jovens não foram obtidas ao mesmo tempo. Numa fase inicial da investigação pensou-se conseguir a amostra suficiente para o estudo 2 nos 4 Lares de

Infância e Juventude que compõem a amostra do estudo 1. No entanto, sentiram-se sérias dificuldades em encontrar crianças e jovens, acima dos 11 anos, que tivessem sido separados dos irmãos no momento da retirada, i.e., no primeiro acolhimento. As primeiras entrevistas e questionários foram realizadas e aplicados, respectivamente, às crianças acolhidas no Lar 3 (que acolhe, exclusivamente, fratrias) durante o mês de Março de 2009. A restante recolha de dados teve lugar nos meses de Abril e Maio, em vários Lares de Infância e Juventude da zona de Lisboa. Só no final do mês de Maio se concluiu a recolha para o grupo 2, ficando o primeiro com 14 crianças e jovens, cujo primeiro acolhimento foi feito com irmãos, e apenas 12 no segundo, as crianças acolhidas sem irmãos. A opção metodológica de suspender a recolha de dados antes de obter as 30 crianças, 15 acolhidas com irmãos e 15 sem irmãos, foi tomada conscientemente, e tendo em conta que este estudo tem um cariz, predominantemente, qualitativo e exploratório, assumiu-se que a falta de 4 crianças na amostra não alteraria significativamente os resultados da investigação.

Obtidos os consentimentos esclarecidos das crianças e dos jovens, não só para a entrevista e para o questionário, mas também para a sua gravação, e garantida a confidencialidades dos dados recolhidos (APA, 2002; FEAP, 1995), deu-se início ao processo de recolha de dados. De forma a tornar a entrevista melhor sucedida e motivar a participação das crianças, foi enfatizado o objectivo da pesquisa e a importância da sua opinião (Breakwell, 2000). A informação foi gravada em áudio e transcrita na sua totalidade, mantendo o anonimato dos participantes.

O método de análise utilizado para os dados das entrevistas foi, mais uma vez, a análise de conteúdo, o que pressupõe a categorização da informação recolhida (“*Bottom-up approach*”). Partindo do guião, identificaram-se 4 temas: o primeiro dia de acolhimento; um dia/evento importante depois do acolhimento; como é ter um irmão no Lar? como seria não ter; como é não ter e como seria ter (conforme o grupo entrevistado). O texto foi dividido em unidades de análise, que por sua vez, foram integradas em cada tema pré-determinado. Consideraram-se as valências atribuídas pelas crianças a cada unidade de análise como positivas, neutras ou negativas. Numa segunda fase, agruparam-se as unidades de análise identificadas em ambos os grupos, sinalizando-se as que se repetiam ou não. Os trechos de texto que deram origem às unidades de análise também

foram documentados para tornar mais fácil o processo de validação externa da análise por um juiz imparcial. Este processo de validação externa da análise de conteúdo teve lugar no mês de Junho e partiu da atribuição dos trechos de texto transcritos aos vários temas e correspondentes unidades de análise. Escolheram-se ao acaso 8 transcrições das entrevistas, 4 do grupo 1 e 4 do grupo 2 da amostra, correspondentes a 30% da amostra total. Seguidamente, submeteram-se à análise de um juiz imparcial que fez corresponder as várias unidades de análise identificadas nas transcrições de cada entrevista a cada tema. Para o grupo 1 obteve-se uma concordância de 73% e para o grupo 2 as correspondências coincidentes preferiram 75%.

5. Resultados

5.1. Entrevistas

Da análise de conteúdo realizada às transcrições das 26 entrevistas resultaram para o primeiro tema (primeiro dia) 22 unidades de análise, sendo que 10 se repetem nos dois grupos. No tema de dia/evento importante identificaram-se 23 unidades de análise e apenas 5 foram comuns aos dois grupos. Relativamente ao tema de estar com e sem irmãos, encontraram-se 23 e 19 unidades, respectivamente, sendo que apenas 8 e 9 se repetiram, nos dois grupos de crianças, num e noutro tema.

5.1.1 Primeiro dia de acolhimento

A tabela 14 apresenta as unidades de análise encontradas nos discursos das crianças e jovens da amostra sobre o primeiro dia de acolhimento.

Tabela 14 - Primeiro dia de acolhimento

Unidades de análise	Valência (+/-)	Com irmãos (n=14)	Sem irmãos (n=12)	Total (n=26)
Tristeza	-	4	3	7
Desconforto	-	2	3	5
Medo	-	2	1	3

Surpresa	-	1	2	3
Raiva	-	1		1
Revolta	-	1	1	2
Estranheza	-	1		1
Solidão	-	1		1
Desconfiança	-	1		1
Empatia com o sofrimento da irmã	-	1		1
Saudades da família	-	1	1	2
Alegria	+	3	1	4
Alvo de curiosidade	-	2	1	3
Sentir falta da irmã	-		1	1
Separação do irmão	-		1	1
“Difícil”	-		1	1
Falta de referência no desconhecido	-		2	2
Dificuldades de adaptação/integração	-		3	3
Boa recepção	+		1	1
Descrição de rotinas	neutro	2	4	6
Falta de referência e emoções/rotina	neutro	2	3	5
Não se lembra	neutro	1		1

No primeiro dia de acolhimento a maioria das crianças e jovens da amostra reportaram emoções de valência negativa, sendo que a tristeza (n=7) surgiu com maior frequência através de expressões como “*Estava triste*”; “*fiquei muito triste*” ou “*chorei bué*”; “*chorei muito, como é óbvio*”.

O desconforto foi referido várias vezes através das expressões “*senti-me bué mal*” ou “*senti-me mal*”; “*foi mau*”; “*quando nós vamos para um Lar, somos retirados dos pais, nunca é uma situação muito agradável*”.

O medo foi referido por crianças e jovens de ambos os grupos, com e sem irmãos, e manifestou-se tanto no medo de não ver a família outra vez, como no medo por não conhecer ninguém ou, ainda, por serem todos “*mais grandes do que eu*”.

Repetiu-se em ambos os grupos a referência ao facto de três jovens terem sido apanhados de surpresa pelo acolhimento: “*a parte má foi eu ter vindo para aqui sem saber de nada (...) disseram-nos que só vínhamos ver isto e voltávamos outra vez para a escola*”; “*vim aqui fazer visita a esta casa mas nunca pensei que ia ficar aqui*”;

“Aqueles senhores que me trouxeram disseram que era só para passear mas depois quando foi mesmo... comecei a chorar”.

A raiva, a estranheza, a solidão, a desconfiança e a empatia com o sofrimento da irmã mais nova que chorava pela mãe, foram sentimentos e emoções singularmente sinalizadas pelo grupo de crianças acolhidas com os irmãos. Muito próximo da raiva, foi experienciada a revolta por dois jovens de cada um dos grupos *“foram lá às 7h da manhã, a minha casa... tiraram a mim e à minha irmã (...) a sensação era de espetar um murro na cabeça lá da.... da assistente”*. Em ambos os grupos se referiram as saudades da família (n=2) mas, por outro lado, quatro crianças da amostra recordaram ter feito novos amigos no primeiro dia e terem sentido alegria por conhecerem pessoas novas *“depois comecei a conhecer todos, gostei disto”; “senti um bocadinho de alegria por conhecer pessoas novas”*.

Saindo do campo das emoções, outros jovens (n=3) relataram que se sentiram alvo da curiosidade dos pares porque *“fizeram-me bué perguntas, se eu já tinha estado num Lar...ou se não”; “estavam todos a observar, a meter conversa comigo...”; “as miúdas faziam bué perguntas... era bué falada...”*.

A simples percepção de que o primeiro dia foi *“difícil”*, dia em que se sentiu a falta da irmã mais nova e o facto de ter sido levado para a casa de acolhimento com o irmão, mas ainda no mesmo dia este ter sido levado para outro lugar, sem qualquer explicação, foram relatos recolhidos singularmente no segundo grupo da amostra.

A falta de referência no desconhecido só foi percepcionada pelo grupo acolhido sem irmãos, onde duas jovens se centraram no facto de não conhecerem ninguém e *“é bué complicado estar ao pé de pessoas que não conheço... custa bué... é um ambiente diferente, é um ambiente diferente... não estava à espera”; “senti-me um bocado esquisita... não conhecia ninguém...”*. É importante notar que apenas as crianças (n=3) do grupo 2, que foram acolhidas sem irmãos, sentiram, no primeiro dia, dificuldades em se integrarem no grupo e em se adaptarem ao Lar. Um jovem da amostra lembrou que não teve uma recepção muito amistosa, e outra referiu que, no início, era vista como *“a menina betinha do colégio”* e lhe *“custou muito”* adaptar-se. Por vezes, foram os próprios jovens que se afastaram, *“tentei-me sempre afastar, não gosto muito de grupos”*.

De uma perspectiva positiva, uma jovem do grupo acolhido sem irmãos lembrou que *“estava um bocadinho esquisita mas fui bem recebida... toda a gente me foi dar as boas vindas ao quarto quando estava a arrumar as minhas coisas... cumprimentou-me toda a gente”*. Este relato contrastou com o do jovem que disse que *“foi um bocado mau... eles lá eram um bocado agressivos.”*

Seis crianças optaram por descrever as suas rotinas, para além de falarem do que sentiram. Assim, no primeiro dia da maioria foram conhecer a casa, os colegas e o quarto. Outras 5 limitaram-se a descrever a rotina sem qualquer alusão a sentimentos ou emoções e um jovem disse não ter recordações desse dia devido à idade precoce do acolhimento.

Para concluir a análise à tabela 14, resta sublinhar que houve apenas duas categorias positivas ao primeiro dia de acolhimento, feitas por 5 crianças e jovens da amostra total (n=26).

Salientamos ainda os dados referentes à referência espontânea aos irmãos no primeiro dia de acolhimento. Nesta sede apenas se contabilizaram como referências aos irmãos no primeiro dia de acolhimento aquelas que surgiram no discurso da criança espontaneamente, sem lhe terem sido induzidas pelo guião. No primeiro dia de acolhimento, considerando apenas o primeiro grupo (n=14), que foi acolhido com irmãos, metade (n=7) referiu a presença dos irmãos *“a primeira vez a ///// (irmã mais nova) chorou, quero a mãe, quero a mãe, quero a mãe, quero a mãe...”*; *“estava com o meu irmão e uma assistente no outro Lar”*; *“quando cheguei cá o meu irmão e os meus primos estavam a comer e vieram ter comigo (...) estava triste e quando os vi fiquei contente”*; *“começaram meter conversa conosco a dizer que o ///// (irmão mais novo) era bué de giro”*.

No grupo de crianças acolhidas sozinhas (n=12), duas mencionaram os irmãos, na medida em que saíram de casa juntos e só no Lar, mas ainda no mesmo dia, é que foram separados *“fui eu, o meu irmão e o meu tio (...) mas ele (irmão) foi embora na primeira noite, não chegou a ficar conosco”*; *“vim com uma irmã que está noutra colégio”*. As restantes 10 crianças do grupo 2, não referiram os irmãos sem lhes ser perguntado.

5.1.2. Dia/evento importante em acolhimento

A tabela 15 apresenta os dias e/ou situações que as crianças e jovens da amostra consideraram importantes na sua vida depois do acolhimento.

Tabela 15 - Dia/evento importante em acolhimento

Unidades de análise	Valência (+/-)	Com irmãos (n=14)	Sem irmãos (n=12)	Total (n=26)
Aniversários	+	1	2	3
	-	1		1
Festas	+	1	2	3
Colônias e Passeios	+	2		2
Primeira visita do pai	+	1		1
Não ter visitas do pai	-	1		1
Dias de visita à irmã	+		1	1
Recuperar notas no 3.º período	+	1		1
Início do ano lectivo 2008/2009	+		1	1
Ir à escola	-	1		1
Brincar com a irmã	+		1	1
Brincar com amigos que já saíram	+		1	1
Inauguração de campo de futebol no Lar	+		1	1
Jogo de futebol vitorioso	+	1		1
Oferecer postal do Dia da Mãe	+	1		1
Ouvir educadores/pensar na vida	+	1		1
Conhecer padrinhos	+		1	1
Perda de pessoa de referência no Lar	-		2	2
Chegada de crianças novas ao Lar	-	1		1
Conflitos/dificuldades de integração	-	1	1	2
Doença do pai com irmão de férias	-	1		1
Hospitalização do irmão	-	1		1
Rezar o terço/receber a Bíblia	+	1	1	2
Não se lembra/não tem	neutro	1	1	2

Da análise à tabela 15, relativa aos relatos de dias ou eventos importantes na vida das crianças e jovens da amostra depois do acolhimento, verificaram-se poucas repetições, na medida em que as referências foram muito pessoais.

O dia de aniversário foi importante, pela positiva, para 3 crianças dos dois grupos e, pela negativa, para um jovem do grupo acolhido com irmãos. Um dos jovens que recordou o primeiro aniversário no Lar como positivo, acrescentou logo a seguir *"e o do meu mano"*. Outra jovem explicou que esse dia foi importante porque *"nunca festejei uns anos com amigos... foi a primeira vez... mas foi uma sensação boa"* e, por outro lado, um jovem lembrou com tristeza o dia do seu primeiro aniversário no Lar, porque *"o ///// e o ///// (amigos) estavam a jogar playstation"* e não estiveram presentes na sua festa. As festas, na sua generalidade, também foram apontadas como acontecimentos importantes e positivos por jovens dos dois grupos da amostra, e para duas crianças, do grupo acolhido com irmãos, as colónias de férias e os passeios organizados pelo Lar foram, igualmente, marcantes.

As visitas e a relação com a escola também marcam positivamente as recordações dos jovens da amostra. *"Quando o meu pai me veio visitar pela primeira vez... foi bom"* ou *"é nos dias em que eu vou visitar a minha irmã"*. As visitas enquadraram-se também num relato negativo - relato referente à falta de visitas do pai. O início deste ano lectivo e a recuperação de notas no 3º período foram os marcos relacionados com a escola, referidos por dois jovens dos dois grupos. Surgiu, no mesmo contexto, uma referência negativa, por parte de uma jovem, que vive com os irmãos no Lar, ao facto de ter que se levantar todos os dias para ir para a escola, *"prefiro ficar a dormir"*. Esta adolescente, na sequência desta informação, acrescentou que *"ficava muitas vezes sozinha com a ///// (irmã bebé) em casa... quando era pequenina. Os meus irmãos estavam na escola, às vezes iam para a rua... ficava em casa sozinha com a /////, metia-a a dormir e limpava a casa"*.

As brincadeiras e o desporto foram para outros as vivências mais positivas. A irmã de uma das crianças acolhidas sem irmãos surgiu no relato de um dia *"feliz"* para a criança. *"Lembro-me de um dia em que os escuteiros vieram fazer um jogo conosco e depois eles perderam 8 a 0 ... e depois houve uma festa"* e a inauguração do campo de

futebol do Lar foram recordações boas de uma criança e de um jovem acolhidos, com e sem irmãos.

No grupo das crianças acolhidas com irmãos, um dos jovens, orfão de mãe, recordou como foi bom oferecer um postal no dia da mãe a uma educadora e, ainda numa lógica de valorizar os educadores, outro jovem referiu que foi um marco importante para ele começar a ouvi-los e a pensar na sua vida.

De uma perspectiva positiva, uma jovem relatou como dia mais importante da sua vida em Lar, o dia em que conheceu os padrinhos que *“sempre me ajudaram e acompanharam (...) tem-me vindo a ajudar com os estudos... eles são muito inteligentes”*. Por outro lado, uma jovem e uma criança, também acolhidos sem irmãos, recordaram que *“afeiçoei-me bastante a uma Irmã que agora está em clausura e foi-se embora (...) eu não sabia que a Irmã ía, só depois é que soube e fiquei um bocado admirada, mas pronto...”*; *“Tive também um amigo que se chamava ////, era o meu melhor amigo e foi para outro colégio. Nunca mais.... Nunca mais vi ele”*. Neste contraste de memórias conjugaram-se a conquista e a perda de referências na vida destas crianças e jovens.

A chegada de uma fratria grande a um Lar, onde só viviam, na altura, 6 crianças, foi apontada, por uma das crianças acolhidas com irmãos, como a pior recordação da sua vida em Lar *“estavam a fazer bué barulho!”*. Os excertos seguintes consubstanciaram a unidade de análise, de valência negativa, denominada conflitos e dificuldades de integração, encontrada nos discursos de 3 crianças e jovens de ambos os grupos: *“Marcaram-me as cenas de violência ao início, a cena dos grupos, não acolherem a pessoa, estarem a testá-la... isso marcou-me muito!”*; *“um dia que eu sofri muito foi quando a ///// me bateu (...) comecei a chorar e fui à equipa técnica”*; *“os conflitos aqui com as raparigas... é muito mau (...) há muitos... nós tanto nos damos bem como nos damos mal... somos assim umas com as outras”*.

Nas unidades de análise relativas à doença do pai, com o irmão de férias, e portanto, ausente do Lar nessa altura, e a hospitalização de um irmão, contemplou-se a importância dada aos irmãos num dia importante após o acolhimento, no grupo de crianças com irmãos. *“Quando ele foi para a colónia foi quando o meu pai teve o*

enfarte... custou-me bué!"; "Quando o meu irmão caiu de uma árvore e não me deixaram ir com ele para o hospital (...) eu queria estar ao lado dele..."

Alguns dos Lares onde vivem algumas crianças desta amostra pertencem a ordens religiosas, pelo que duas crianças referiram como algo importante o facto de irem receber a Bíblia ou terem aprendido a rezar o terço. Por fim, duas crianças referiram que não se lembravam e não tinham dia importante, respectivamente.

A frequência da presença dos irmãos nos discursos das crianças e jovens da amostra, relativamente a um dia ou evento importante em acolhimento, foi baixa, e apresentou-se equilibrada entre os dois grupos. Dois jovens acolhidos com os irmãos, referiram-nos, espontaneamente, num *"dia em que sofri muito foi quando a //// me bateu (...) não disse ao meu irmão, mas ele apercebeu-se da situação e bateu na /////"*; *"o dia dos meus anos e do meu mano"* e *"o dia em que o meu irmão caiu de uma árvore (...)"*. No grupo das crianças acolhidas sem irmãos, um jovem referiu que o dia mais importante para ele em acolhimento foi quando ía visitar a irmã a outra instituição e outra criança lembra que o seu *"dia mais feliz foi ...que a minha irmã //// brincava comigo num carro, ela empurrava-me no carro..."*, situação já mencionada supra.

5.1.3. Estar com os irmãos em acolhimento

A tabela 16 regista as percepções que as crianças têm de estar com os irmãos em acolhimento, quer se reportem à sua realidade ou recorram à imaginação, de acordo com o grupo em que se inserem.

Tabela 16 - Estar com irmãos em acolhimento

Unidades de Análise	Valência (+/-)	Com irmãos (n=14)	Sem irmãos (n=12)	Total (n=26)
Protecção	+	5	3	8
Apoio	+	3	1	4
Entre-ajuda	+		1	1
Confiança	+	1		1
União	+	1	1	2
Força	+	1		1

Cuidado	+	2		2
Felicidade	+	2		2
Proximidade	+	3	1	4
Fortalecimento da relação	+		1	1
Continuidade (hábito)	+	2	2	4
Amparo/referência no desconhecido	+	1		1
Modelo positivo	+	1		1
“Controlo” sobre os mais novos	+	1	1	2
“Controlo” dos mais velhos	-		1	1
Preocupação excessiva/stress	-		2	2
Parentificação negativa	-		1	1
Alívio de responsabilidade	+	1		1
Relação conflituosa	-		3	3
“Brigas de irmãos”	-		4	4
Facilidade nas visitas da mãe	+	1	1	2
Indiferença/fraca ligação	neutro	1	1	2
Não refere nada	neutro		1	1

Num universo de 23 unidades de análise, criadas a partir dos discursos das crianças e jovens, acolhidas com e sem irmãos, sobre o que consideram ser estar no Lar com irmãos, 8 foram comuns aos dois grupos. Importa notar que as crianças e os jovens acolhidos com os irmãos não consideraram nenhum aspecto negativo nas suas vivências com os irmãos no Lar. Por outro lado, o grupo que não vive com os irmãos apontou 5 aspectos negativos à situação imaginada de viver com os irmãos no Lar. Estes jovens reportaram-se às memórias da relação com os irmãos antes do acolhimento.

Quer estejam ou não com irmãos no Lar, muitos dos participantes (n=8) concordaram com a protecção que a presença dos irmãos oferece no Lar. *“Ele defendia-me e eu também lhe defendia”*; *“nunca deixei ninguém lhe bater”*; *“sinto-me bem, é ele que me protege”*; *“pelo menos uma coisa eu não ia deixar que a rapariga (irmã) fizesse: fugir (...) eu sou muito protector, ela é uma menina e depois está sempre a fugir... e isso fica mal”*.

O apoio foi valorizado por 4 crianças de ambos os grupos e foi visto como *“fixe, quando tenho alguma coisa que não está a correr... assim já posso falar com ele”*; *“podia contar com ele, ele podia contar comigo (...) era mais fácil com ele aqui”*;

“alguém que fique ao pé de mim, que dê apoio, por exemplo”; *“nós podemos dar-nos mal mas quando chega a apoiar, apoiamos sempre; ele tem um ao outro...apoiam-se uma ao outro”*. Muito ligada ao apoio surgiu a entre-ajuda no discurso de uma jovem ao afirmar que se estivesse com a irmã no Lar a ajudava na escola.

Com base na própria experiência, um jovem disse que *“é bom termos a confiança deles (irmãos)”* e outro, do mesmo grupo, acrescentou que os irmãos se podem ajudar no Lar *“estando juntos, estando unidos”*. Esta ideia foi corroborada por uma jovem que referiu que ela e o irmão em casa se tinham um ao outro, ao contrário de agora no Lar, *“eu e o meu irmão nunca nos abandonámos... a minha família nunca se abandonou, sempre fomos unidos”*.

A força, o cuidado e a felicidade foram aspectos mencionados apenas pelos jovens do grupo 1. *“Supostamente, se os irmãos estiverem um ao pé do outro, acho que eles sentem mais força”* e outro jovem declarou que *“desde que fomos para instituições que eu sempre disse que para onde os meus irmãos iam eu ia também para cuidar deles”*. A questão de estar ou não com irmãos, para um jovem do grupo 1, resumiu-se na seguinte conclusão: *“juntos sentes-te feliz, separados sentes-te infeliz”* e, no mesmo sentido, recordou uma jovem do mesmo grupo a felicidade que sentiu ao chegar ao Lar e viu as irmãs mais novas.

A proximidade foi outra sensação que três jovens do grupo acolhido com os irmãos expressaram e, curiosamente, dois eram irmãos. *“Sinto-me bem ao lado dele”*; *“aqui vejo o meu irmão todos os dias”*. Uma jovem separada dos irmãos também referiu neste sentido que *“é sempre bom... estamos todos os dias com eles...”*. Potenciado pela proximidade é o fortalecimento dos laços fraternos, que na opinião de uma jovem acolhida sem irmãos, acontece quando a fratria não é separada *“é bom para que a relação entre irmãos se construa e cresça (...) era muito bom, convivíamos cada vez melhor...é uma relação mais forte”*.

O facto de terem passado a vida com os irmãos até à data da retirada do meio natural de vida foi suscitado por quatro jovens, dois de cada um dos grupos, e a continuação desta relação no Lar foi entendida como positiva. *“Estive a minha vida sempre ao pé dela!”*; *“vivemos sempre com os irmãos, não era agora que iam tirar-nos os irmãos, porque já estávamos habituados a estar todos juntos”*; *“foi difícil porque*

antes eu estava sempre com a minha irmã”; “depois eles (irmãos) ficam tristes, sentem que não têm aquela pessoa...que gostam... que ficaram antes de serem separados...”

Além da protecção supra analisada, o amparo foi assinalado por uma jovem através da expressão *“alguém que fique ao pé de mim...”*, salientando a presença do irmão e dos primos como referências no desconhecido pois *“vinha sozinha e não conhecia ninguém... vi a minha família (irmão e primos) e fiquei contente”*. Também no grupo com irmãos, uma criança lembrou as coisas que aprendeu a fazer com a irmã mais velha que o ajudava *“a vestir...e isso... às vezes vestia a t-shirt ao contrário (...) depois corrigia-me os erros”*. Para esta criança a irmã foi um modelo positivo dentro do Lar.

Uma jovem acolhida sem irmãos referiu que se vivesse com eles *“podia controlar o que eles faziam e o que eles não faziam”*; outra, do outro grupo, afirmou que com o irmão mais novo no Lar se sentia mais segura *“do que noutra sítio em que não saiba quem são as pessoas que estão a cuidar dele...”*, dando origem à unidade de análise “controlo” sobre os mais novos. Uma criança do grupo 2 forneceu a visão oposta ao dizer que *“prefiro estar assim...porque sinto-me mais à vontade...podemos brincar mais... assim podemos ... andar de bicicleta...porque eu gosto mais de brincar à solta (...) eu não gosto de estar com os meus irmãos grandes”*. Esta unidade de análise, o “controlo dos mais velhos” foi abordada pela positiva (“Mais espaço/liberdade”) no tema seguinte, estar sem irmãos. A preocupação excessiva ou o stress provocados pela convivência com os irmãos surgiram nos discursos de duas jovens que vivem sem eles, e também referiram preferir assim. Uma delas, aquando a separação, *“não senti nada, já estava farta deles”* e acrescentou o comportamento dos irmãos *“eles enervavam-me sempre... era sempre a gritar lá em casa ... e eu já não aguentava!”*. A outra, colocada na situação de imaginar voltar a viver com os irmãos, concluiu *“... bem... tinha de me habituar outra vez... não sei... ia ser estranho porque, pronto, conheço-os e ia ser um bocado stressante porque tinha que estar sempre com aquela preocupação... ia estar sempre... onde é que eles estão, o que é que eles estão a fazer e depois portavam-se mal e vinham ter comigo...”*. Na sequência deste discurso, a mesma jovem lembrou que em casa *“tinha muita responsabilidade sobre eles e cresci assim demasiado para a minha idade”*, o que consubstancia a assunção de uma parentificação negativa e a conclusão de que agora *“tenho a mesma preocupação mas já não é tão constante como se estivesse com eles”*.

Outra jovem, acolhida com o irmão mais novo, deu-nos outra visão do convívio fraterno em Lar *“agora sei que vai haver pessoas... do género:’ tu não podes fazer isto’... eu sei que não lhe vão fazer nada de mal... as pessoas aqui... adultas. Sei que estão atentas... é completamente diferente”* de quando estava em casa e tinha a *“responsabilidade”* do irmão num ambiente de violência doméstica entre os pais. Esta jovem expressou sentir um alívio da responsabilidade que tinha com o irmão, devido à presença de adultos cuidadores no Lar.

Nem todos os irmãos mantêm relações positivas e alguns jovens da amostra (n=3) deram o exemplo disso . *“Eu e o meu irmão não era bom agente estar juntos de certeza porque ele é conflituoso, é rebelde”* e uma jovem questionada sobre como seria viver no Lar com os irmãos respondeu, prontamente: *“Ai! horrível!”* . Contudo, outros jovens referiram-se às brigas com os irmãos salvaguardando sempre a situação como *“brigas de irmãos”* ou *“coisa de irmãos”*, na medida em que podiam contar uns com os outros quando era importante . *“Eu nunca me dei muito bem com o meu irmão mas penso que todos os irmãos são assim. Podemos não nos dar mas temos sempre aquele amor de irmão. Eu batia-lhe e ele batia-me, aquelas brincadeiras estúpidas... mas nunca nos magoámos a sério porque sabíamos os limites”*; *“podia contar tudo com ele, apesar de agente fazer muitas brigas”*; *“às vezes tínhamos aquelas brigas, mas vá...”* .

Dois jovens de ambos os grupos referiram que as visitas da mãe ficam facilitadas conforme estejam ou não os irmãos no mesmo Lar.

“Não liguei muito, não éramos muito ligados” foi o que um jovem acolhido sem o irmão sentiu quando os separaram, sendo que uma criança acolhida com a irmã mais velha, com quem viveu no Lar até ao mês de Fevereiro deste ano, declarou sentir-se *“normal”* quando ela se foi embora para casa, mostrando apenas indiferença.

5.1.4. Estar sem os irmãos em acolhimento

A tabela 17 regista as percepções que as crianças reportaram sobre não estar com os irmãos em acolhimento, quer se reportem à sua realidade ou recorram à imaginação, de acordo com o grupo em que se inserem.

Tabela 17 - Estar sem irmãos em acolhimento

Unidade de análise	Valência (+/-)	Com irmãos (n=14)	Sem irmãos (n=12)	Total (n=26)
Tristeza	-	2	3	5
Preocupação	-	1	4	5
Saudades	-	2	1	3
Solidão	-	1	1	2
Desconfiança	-	1	1	2
Desconforto	-	1		1
Revolta	-	3		3
Injustiça	-	1		1
Indiferença	neutro	1		1
Distanciamento	-	1	1	2
Conformismo	neutro	1	2	3
“Inferno”	-	1		1
Choque/trauma	-	1	1	2
Mais uma perda	-		1	1
Dificuldades de adaptação	-	1		1
Necessidade de preparação/explicação da separação	-	2	1	3
Necessidade de contactos	neutro		2	2
Melhoria na relação/menos conflitos	+		2	2
Mais espaço/liberdade	+		2	2

A tabela supra elenca as 19 unidades de análise identificadas nos discursos dos participantes relativamente ao acolhimento sem irmãos.

A tristeza, o desconforto, a desconfiança, as saudades, a solidão e as dificuldades de adaptação foram unidades que surgiram neste tema, tendo já sido referidas pelas crianças e jovens no 1º dia de acolhimento, as seis de valência negativa.

A tristeza, a preocupação, as saudades e a solidão foram emoções associadas, por crianças e jovens dos dois grupos, ao facto de estarem num Lar sem irmãos. *“tristeza... tristeza só...”*. Os irmãos *“é sempre bom ... estamos todos os dias com eles... e não há tanta preocupações... saber como eles estão... como é que não estão...”*; *“não sabia se eles se iam sentir bem lá...que eles sempre foram muito agarrados a mim”*; *“Tinha saudades”* imaginou uma jovem que vive com os 4 irmãos no Lar. Outra do mesmo

grupo esteve para não ir a uma colónia de férias para não ficar longe do irmão gémeo, “*não consigo estar muito tempo longe dele*”. Estar sem irmãos no Lar “*era muito mais complicado, não tinha ninguém para desabafar e estava sozinha... e se acontecesse alguma coisa?*”. Relativamente à decisão dos técnicos de a separarem do irmão, uma jovem referiu que “*se eles forem pensar um bocadinho, nós estamos sozinhos, nós não vamos confiar numas pessoas que não conhecemos*”. Esta jovem, relativamente à desconfiança acrescentou “*nunca me tentei ligar a ninguém... não gosto de dar muita confiança, principalmente, porque algumas são mais abusadoras*” e um jovem que vive com o irmão afirmou que o “*mau*” de estar separado dos irmãos deve ser “*não termos aquela confiança*”. Este participante não se consegue imaginar sem o irmão no Lar e manifestou desconforto com a ideia “*agente sente-se desprevenidos*”.

A revolta e a injustiça foram expressadas por jovens que vivem com os irmãos, perante a ideia imaginada de estarem separados. “*Ninguém ia separar-me da minha irmã*” e se isso acontecesse “*estava todos os dias a partir coisas*”; outro jovem referiu a este respeito “*ai de quem me separasse do meu irmão... fogo! Levava tantas (...)!*”.

Uma criança do mesmo grupo, contrariamente aos discursos supra referidos, ficou indiferente à ideia da separação da irmã, sendo que dois jovens, de ambos os grupos, referiram o distanciamento como consequência de estar longe dos irmãos “*eu senti-me abalado quando o meu irmão foi embora... senti tipo... mais distante*”; *alguns casos são maus porque vão para os Lares e se não conhecem ninguém, se estão separados... começam-se a afastar um pouco dos irmãos...*”. Contudo, houve crianças que se conformaram com a realidade da separação e dizem não sentir nada, ou então recorreram ao argumento do Lar acolher apenas um sexo “*porque os rapazes sempre são diferentes das raparigas*”.

Um jovem acolhido com os irmãos apenas referiu que viver sem os irmãos seria “*um inferno*”. Duas jovens dos dois grupos falaram do choque e do trauma que pode decorrer da separação de uma fratria. “*Quando eu era pequenina fui separada e podia ter ficado com um grande trauma porque já era separada dos pais... então do meu irmão... é uma coisa muito complicada*”. Neste discurso encontrou-se a referência a mais uma perda, além dos pais, no momento da retirada do meio natural de vida.

“Custava-me a adaptar porque não conhecia ninguém”, imaginou uma jovem acolhida com o irmão e os primos. Outros três, durante as entrevistas, salientaram a necessidade que sentiram, ou sentem, de que lhes seja explicada a separação, e referiram não terem sido preparados para essa perda. “Quando eu voltei (de fim-de-semana) eles tinham-me dito que... os dois mais pequeninos já tinham sido adoptados. Eu aí fiquei chateado (...) fui para o quarto e fiquei lá sozinho”. Ainda neste âmbito, uma jovem de 18 anos que vive no Lar com o irmão de 5 deu outra perspectiva da necessidade de preparação para a separação “ele tem que se habituar que a irmã não vai estar cá sempre presente... de hoje para amanhã, se ele vai para casa e eu fico (no Lar), ele vai passar a ter a mãe em vez de ser eu...”. Outra jovem afirmou que sempre que pergunta porque é que a separaram do irmão os técnicos “tentam sempre mudar de assunto... e outros dizem que não sabem” e concluiu que “há muitos Lares em Lisboa, há muitos Lares em qualquer sítio, podiam por-nos juntos... “.

O facto de estarem sozinhas no Lar, na opinião de duas jovens, não é assim tão negativo desde que haja contactos frequentes e livres com os irmãos. Já “separados é bué complicado, porque às vezes há Lares que não deixam vê-los”; “pelo menos se fossem separados mantinham o contacto... agora... assim... cortarem radicalmente acho que é mau”. As mesmas jovens supra referidas, consequentemente, admitiram que com a separação as suas relações com os irmãos melhoraram e “agora já crescemos, já tivemos cada um o seu espaço, agora damo-nos optimamente...”; “tudo muito calmo, agora eu tenho computador e eles são muito mansinhos porque querem jogar e isso tudo... agora também estão mais crescidos...”; mas quanto a estar com eles no “colégio” “nem quero pensar nisso... já sei o que é que acontece... não vale a pena”. Estar sozinha no Lar proporcionou a uma jovem, já referida quanto à parentificação negativa no tema anterior e nas unidades de análise supra, “ter mais noção do tempo, de crescer como deve ser”, pois “para os mais velhos pode ser bom porque dá espaço e também tempo para eles crescerem”. Uma criança mais nova, também referida no tema anterior a propósito do “controlo” dos mais velhos também referiu sentir-se mais livre no Lar sem os irmãos mais velhos. Apesar de não serem irmãos entre si, os discursos destes dois participantes acabaram por dar dois lados de uma mesma realidade integrada na vivência sem irmãos em acolhimento.

5.2. Questionários

A análise dos resultados do Questionário de Apoio Social (QAS) apresentou duas fases. Num primeiro momento, foi efectuada a estatística descritiva para o total da amostra. Nesta análise procurámos as médias e os desvios padrão, quer do número de elementos na rede de suporte social, quer dos índices da satisfação com o suporte percebido. Foram ainda calculadas as frequências da presença de cada elemento de suporte (ex. mãe, pai, avó, amigos, etc...) para o total dos 6 itens do questionário, dando especial relevância ao número de vezes que o(s) irmão(s) eram mencionados como fontes de suporte. Esta estatística descritiva encontra-se na tabela infra.

Tabela 18 - Resultados descritivos do Questionário de Apoio Social (QAS)

	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Número de indivíduos no suporte social	3.41	1.81	0.17	7.67
Nível de satisfação com o suporte social percebido	5.07	0.99	1.67	6.00
Irmãos	1.85	2.61	0	8
Mãe	0.81	1.60	0	5
Pai	0.50	1.27	0	5
Namorado(a)	1.08	2.23	0	6
Amigos	7.85	7.77	0	31
Familiares	1.46	2.80	0	9
Técnicos	1.31	3.85	0	16
Monitores	1.96	3.41	0	12
Freiras	1.12	2.72	0	12
Professores	0.31	0.78	0	3
Padrinhos	0.54	1.75	0	8
Colegas	0.85	2.77	0	13
Outros	0.65	1.38	0	6
Ninguém	0.35	1.02	0	5

Na tabela 18 salientamos que o número médio de elementos de suporte social referido foi 3.41 (com amplitude média entre 0 e 8 indivíduos). Por sua vez, a satisfação média foi 5.07 (numa escala de 1 a 6), indicando que a satisfação com o suporte social foi bastante elevada. Sublinhamos ainda que os irmãos foram referidos no total do questionário entre 0 e 8 vezes. A média de referência aos irmãos foi 1.85, revelando-se superior às nomeações da mãe ou do pai enquanto suporte social na família nuclear. Finalmente, indicamos que os amigos foram, em larga escala, referidos como aqueles com quem as crianças e jovens da amostra acreditam que podem contar para apoio nas várias dimensões do questionário.

Numa segunda fase, pretendemos analisar as diferenças entre os dois grupos que constituíram a amostra, a saber, as crianças e jovens acolhidos com e sem irmãos. Para esse efeito, foi efectuado um conjunto de testes estatísticos. Optou-se pelo teste Mann-Whitney, uma vez que pretendíamos comparar dois grupos independentes ao nível de uma variável (pelo menos) ordinal (no caso da satisfação), em amostras de pequena dimensão (Maroco, 2007). Deste modo, a utilização de um teste não-paramétrico foi preferida à do *t*-Student, cuja robustez poderia não ser adequada ao tamanho da amostra ($n=26$)². As comparações entre os grupos constam na tabela 19.

Tabela 19 - Diferenças de médias entre as crianças acolhidas com e sem irmãos

	Média		Mann-Whitney	<i>p</i>
	Com irmãos/Sem irmãos			
Média do número de pessoas no suporte social	11.75	15.54	59.50	0.20 (ns)
Média da satisfação com o suporte social percebido	12.46	14.71	69.50	0.45 (ns)
Média da referência a irmãos	15.36	11.33	58.00	0.12 (ns)

Nota: Considerou-se um nível de significância de 0.05

² Ainda assim, podemos afirmar que os resultados da aplicação do *t*-Student chegaram às mesmas conclusões que o teste não-paramétrico Mann-Whitney.

Como se pode observar na tabela, as diferenças entre os dois grupos não atingiram a significância estatística para qualquer das variáveis. Assim, o número de pessoas na rede de suporte não foi estatisticamente diferente para o grupo de crianças com ($M=11.75$) ou sem irmãos ($M=15.54$) nesta amostra [$M-W(Z)=59.50$, *ns*]. O mesmo se verificou com a variável satisfação, onde as médias ($M=12.46$; $M=14.71$, respectivamente) também não se revelaram estatisticamente diferentes para os dois grupos [$M-W(Z)=69.50$, *ns*]. Finalmente, procurámos as diferenças entre o número de vezes que o(s) irmão(s) eram mencionados como elementos de suporte social. Para esta variável, as diferenças entre os grupos ($M=15.36$; $M=11.33$, respectivamente) não atingiram, mais uma vez, o nível de significância estatística convencionado [$M-W(Z)=58.00$, *ns*].

De todos os indivíduos apontados como fonte de suporte social pelas crianças e jovens da amostra, os únicos que se destacaram por terem uma diferença significativa [$M-W(Z)=42.00$, $p=.02$] entre os dois grupos foram os(as) namorados(as), com média de 17.00 para o grupo acolhido sem irmãos e de 10.50 no grupo acolhido com irmãos.

5.3. Conclusões – Estudo 2

5.3.1. Entrevistas

Foi possível concluir da análise aos resultados das entrevistas, que na primeira e última categoria, ou seja, na referência ao primeiro dia e na referência a estar sem os irmãos no Lar, os dois grupos relataram mais ideias negativas do que positivas, sendo que, o grupo 1 não referiu nenhum aspecto positivo relativamente a estar sem irmãos e o grupo 2 referiu dois. Resulta desta análise que as crianças perceberam o acolhimento com os irmãos de forma mais positiva do que negativa. No que diz respeito às categorias de dia/evento importante e estar com irmãos, em ambos os grupos, sobressairam aspectos positivos. Note-se que as crianças acolhidas com os irmãos referiram mais negativamente o dia/evento importante do que as que foram acolhidas sem os irmãos.

É importante referir que todos os participantes da amostra têm contacto frequente com, pelo menos, um irmão, o que pode dar uma noção do trabalho realizado pelos

técnicos dos Lares no sentido de manter os laços fraternos, mesmo quando se opta pela separação.

Outro aspecto pertinente prende-se com as percepções que alguns jovens de ambos os grupos têm sobre as razões que podem levar os técnicos a separar as fratrias. Três deles, uma do grupo acolhido com irmãos e dois do grupo 2, disseram que o sexo e a idade podem levar à separação. “*Num Lar misturado com rapazes e raparigas, por muito que não pareça, deixam de ter a sua privacidade*”; “*rapazes de um lado, raparigas do outro (...) eu preferia estar num Lar de rapazes e raparigas*” para poder estar com a irmã mais nova. Ou “*seria pela idade... ele era mais novo...*”. Outros jovens encaram os conflitos e os abusos com/dos irmãos como causa da separação “*devem ter visto que eu não me dava bem com o meu irmão e depois pensaram em separar-nos*”; “*quando dois irmãos brigam muito acho que eles são separados*”. Por outro lado, “*há irmãos capazes de tudo... uma amiga minha foi violada pelo irmão de 26 anos... pode acontecer por várias coisas*” a separação. Por fim, uma jovem de 13 anos, acolhida sem irmãos, opinou que “*deviam perguntar (aos irmãos) se querem ficar juntos ou separados... assim era melhor*”.

5.3.2. Questionários

Na análise estatística realizada à amostra do estudo 2 não se encontraram diferenças significativas entre o grupo 1 e o grupo 2, a não ser ao nível da referência aos namorados como fonte de suporte, que surgem com maior incidência no grupo de jovens acolhido sem irmãos (grupo 2). No entanto, da análise descritiva levada a cabo foi possível concluir que a média da referência aos irmãos como fonte de suporte social percebido, pelas crianças e jovens da amostra, apenas foi ultrapassada pela média dos amigos e dos monitores. Os amigos foram percebidos como fonte de suporte pela maior parte dos inquiridos, ultrapassando em larga medida as médias das restantes figuras indicadas. Importa referir que as figuras do pai e da mãe percebidas como fonte de suporte ficaram aquém do suporte dos irmãos.

Relativamente à comparação dos dois grupos, no que se refere à média do número de indivíduos no suporte social, concluiu-se que as crianças e os jovens acolhidos sem

irmãos perceberam, em média, maior número de pessoas disponíveis para apoio. Por sua vez, também é este grupo que demonstrou a média mais elevada de satisfação com o apoio percebido. Por outro lado, o grupo 1 referencia, em média, mais vezes os irmãos como fonte de suporte do que o grupo que está separado destes. Como já foi referido supra, as diferenças consideradas importantes para este estudo não obtiveram resultados estatisticamente significativos, provavelmente, devido à reduzida dimensão da amostra.

6 - Discussão

O presente estudo pretendeu contribuir para a discussão sobre alguns aspectos do acolhimento de irmãos em Lar de Infância e Juventude, especificamente, caracterizar as percepções e experiências que os técnicos e as crianças têm sobre a manutenção ou separação de fratrias em acolhimento. No estudo 1 pretendeu-se perceber quais os aspectos positivos e negativos que os profissionais identificam na realidade do acolhimento de irmãos e que critérios acreditam ser tidos em conta nas decisões de acolher, conjunta ou separadamente, crianças e jovens com irmãos. Além disso, considerou-se importante determinar que critérios seriam ideais de valorizar nessas decisões. Por outro lado, no estudo 2, quis-se abordar a percepção das crianças e dos jovens que vivem a realidade do acolhimento com ou sem irmãos, nomeadamente, a experiência da primeira retirada do meio natural de vida. Deste modo, foi possível explorar quais os aspectos que os dois grupos consideraram positivos e negativos relativamente ao acolhimento de fratrias, partindo das próprias ideias e experiências.

Alguns dados resultantes dos grupos de discussão foram consistentes com a literatura, onde vários autores (e.g. James et al., 2008) referem o papel crucial dos irmãos para as crianças em acolhimento, nomeadamente, para a manutenção do sentido de continuidade da família, aliviando sentimentos de perda e desamparo (Smith, 1998), sendo que, em situações adversas, os irmãos podem funcionar como “*buffer*” (Kempton et al., 1991 cit. in Herrick & Piccus, 2005) e proporcionar conforto uns aos outros (Stewart et al., 1989 cit. in Herrick & Piccus, 2005). Nos grupos, as ideias de “continuidade da família/elo de ligação” à mesma e de “*buffer*” na retirada surgiram de forma típica nos grupos de discussão. O mesmo aconteceu com a unidade de análise “suporte emocional”.

Por outro lado, os “conflitos” entre irmãos foram identificados pelos 4 Lares como aspecto negativo do acolhimento de fratrias, e também são abordados por autores como Patterson (1984) que apurou que a convivência com os irmãos potenciava os comportamentos agressivos (cit. in Smith, 1998). Outros autores foram mais longe e concluíram que nem todos os irmãos devem permanecer juntos (Hindle, 2000), apontando como razões para o acolhimento separado as relações de rivalidade e conflituosas entre irmãos (Aldridge & Cautley, 1976 cit. in Herrick & Piccus, 2005; Smith, 1998; Leathers, 2005).

A “ajuda” (Cicirelli, 1980 cit in Hegar, 1988), o “apoio” durante o acolhimento (Kosonen, 1996), o “suporte” (Ryan, 2002) que os laços fraternos proporcionam surgiram referidos quer na literatura quer nos grupos focais. O mesmo aconteceu com a “manutenção do sentido de segurança” que a presença fraterna sugere (Shlonsky et al., 2005) e a “facilidade de visitas” dos progenitores aos filhos acolhidos em conjunto (Leathers, 2005). Uma técnica do Lar 4 referiu a importância da “história partilhada” entre os irmãos ao irem a casa dos progenitores nos fins-de-semana, confirmando as ideias de alguns autores ao concluírem que irmãos e irmãs são únicos no facto de darem um ao outro uma história partilhada (Cicirelli, 1995; Elgar & Head, 1999 cit. in Herrick & Piccus, 2005). Finalmente, apesar de ter surgido como unidade geral nos grupos e ter sido consistente no estudo 2, a “protecção” entre irmãos dentro do lar não aparece na bibliografia revista para este trabalho, o que nos pareceu importante salientar.

Como critérios reais tidos em conta, na opinião dos técnicos, na decisão de acolher conjunta ou separadamente uma fratria surgiram, com paralelo na literatura, o número de “vagas” (Connor, 2005; Wulczyn & Zimmerman, 2005; Hegar, 2005; James et al., 2008; Smith, 1998), os “momentos de saída diferentes” (Kosonen, 1996; Shlonsky, Webster & Needell, 2003 cit. in Washington, 2007), as grandes diferenças de “idade” entre os irmãos (Staff & Fein, 1992 cit. in Smith, 1998; Leathers, 2005; Drapeau, Simard, Beaudry & Charbonneau, 2000 cit. in Washington, 2007), o “sexo” oposto (Hegar, 2005; Smith, 1998; Shlonsky, et al., 2003 cit. in Washington, 2007) e o “abuso sexual” (Tarren-Sweenwy & Hazell, 2005; Bank, 1992 cit. in Herrick & Piccus, 2005). O mesmo se verificou com as necessidades de atenção especializada (Kosonen, 1996), relativamente às quais uma técnica do Lar 4 referiu que antes de acolher se tinha que avaliar a

capacidade do Lar “*dar a melhor resposta*” à problemática da criança. Os “recursos físicos e humanos do Lar” (Kosonen, 1996), a par da literatura, foram tipicamente abordados por dois Lares e a necessidade de guardar vagas para fratrias também foi referida por uma técnica do Lar 4, assim como por Connor (2005). No que concerne à necessidade de preparação dos técnicos que lidam diariamente com as crianças e jovens com vista a um trabalho especializado com crianças de sexo e idades diferentes (Hegar, 1998) encontrou-se um paralelo com o discurso de dois técnicos do Lar 2 que assumiram, precisamente, a falta de capacidade e de especialização que sentem para lidar com faixas etárias muito dispersas de ambos os sexos. É comum considerar-se que as diferenças de idade dentro das fratrias dificultam a satisfação das necessidades das crianças (Smith, 1998) e estes técnicos do Lar 2 afirmaram que só é possível acolher jovens com grandes diferenças de idade e de ambos os sexos quando muito jovens.

Decorre da análise dos grupos focais que a avaliação casuística que é feita pelos Lares na altura de acolher ou não os irmãos, quando existe e quando possível, tem em vista a gestão do grupo e não a qualidade da relação e a história anterior à retirada. Esta ideia vem corroborar a literatura no que se refere às razões de separar as fratrias serem mais práticas (Smith, 1998) do que resultado de uma avaliação caso a caso, com foco nas necessidades e nas relações das crianças e dos jovens. No entanto, foi possível concluir que os técnicos de Lar estão conscientes desta realidade, na medida em que apontaram como critérios ideais para a decisão de acolher irmãos juntos ou separados a avaliação prévia da relação fraterna (Kosonen, 1996), as razões da retirada, a opinião das crianças (Connor, 2005) e a elaboração atempada do projecto de vida (Hindle, 2000), de preferência na emergência, de forma a evitar acolhimentos disruptivos.

No estudo 2, através das entrevistas, pretendeu-se ouvir a perspectiva das crianças e dos jovens sobre as realidades de viver num Lar com e sem irmãos, tendo em conta a referência bibliográfica indicativa de que muita da investigação realizada nesta área confia nas percepções dos profissionais da área mas pouca se baseia nas percepções que as crianças têm das relações com os irmãos (Connor, 2005). Apesar dos resultados deste estudo não terem obtido representatividade estatística, permitiram chegar a diversos pontos comuns aos discursos dos profissionais, bem como a muita diversidade de opiniões e experiências.

Com base na literatura, esperávamos que as crianças e os jovens da amostra, independentemente de estarem acolhidos com irmãos, apontassem mais aspectos positivos do que negativos à manutenção das fratrias juntas em acolhimento, o que de facto aconteceu.

Relativamente ao “primeiro dia no Lar”, houve mais referência a emoções individuais ou descrição de rotinas do que à presença ou ausência dos irmãos. Ainda assim, as referências aos irmãos surgiram com mais frequência no grupo cujo primeiro acolhimento foi conjunto. A “tristeza”, o “desconforto”, a “desconfiança”, as “saudades”, a “solidão” e as “dificuldades de adaptação” foram unidades que co-ocorreram neste tema e no tema de “estar sem irmãos”, as seis de valência negativa.

Foi possível fazer alguns paralelos entre a literatura e o que as crianças e jovens referiram, nomeadamente, que a separação dos irmãos pode ser um “trauma”, acrescido à perda dos pais (Connor, 2005). Também a “tristeza” associada à perda, a “confiança” depositada nos irmãos como fonte de apoio no acolhimento (Kosonen, 1996; Triseliotis, 1984 cit. in Tarren-Sweeny & Hazell, 2005) foram emoções referidas pelas crianças da amostra. Uma jovem separada dos irmãos mais novos lembrou a “preocupação” que sentiu ao chegar ao Lar por não saber se os irmãos estavam bem, tendo em conta que tinham uma relação muito próxima. A literatura também indica que o sofrimento de muitos jovens, ao serem separados dos irmãos, é agravado pela preocupação e culpa que sentiram ao entrar no acolhimento (Harrison, 1999a; Timberlake & Hamlin, 1982 cit. in Herrick & Piccus, 2005).

Outras investigações apontaram que, em consequência da perda, e dependendo da força da relação, as crianças podem sentir tristeza e insegurança nas relações (Tarren-Sweeny & Hazell, 2005). O isolamento pode ser resultado da falta de rede de suporte (Smith, 1998) e foi referido por uma jovem separada do irmão que afirmou não gostar de grupos nem confiar em ninguém no Lar. O facto, expresso na literatura, das políticas de acolhimento virem a valorizar cada vez mais a manutenção/preservação das relações das fratrias em acolhimento (James et al., 2008) foi confirmado pelos resultados da análise ao estudo 2, na medida em que as 26 crianças e jovens da amostra mantêm contacto com os irmãos, ainda que se encontrem separadas. Foi possível concluir que os técnicos dos Lares onde os jovens estão acolhidos valorizam e promovem o contacto entre os irmãos,

mesmo que vivam em cidades diferentes. Segundo Kosonen (1996), depende dos adultos que cuidam das crianças o acompanhamento das famílias biológicas, com vista a não se perder de vista o seu rasto e a promoção dos contactos entre irmãos, quando separados.

A qualidade da relação fraterna pode ser adversamente afectada pela separação (Bank & Kahn, 1982; Drapeau et al., 2000 cit. in Wulczyn & Zimmerman, 2005) e as crianças acolhidas com os irmãos demonstram relações mais harmoniosas com os irmãos do que as que estão separadas (Drapeau et al., 2000). No seguimento deste aspecto expresso na literatura, o fortalecimento da relação parece ser potenciado pelo convívio no Lar de acordo com a perspectiva de uma jovem do grupo 2. Cutler (1984) apurou que as crianças acolhidas com os irmãos, comparadas com crianças separadas, “são mais felizes, menos ansiosas” e acreditam que os irmãos devem permanecer juntos (Cutler, 1984 cit. in Smith, 1998, p. 392). De facto a “felicidade” é também uma das unidades que surgiu associada ao tema “estar com irmãos”, neste estudo.

Por outro lado, as relações conflituosas foram diferenciadas das “brigas de irmãos”. Houve jovens que asseguraram que estão melhores sem os irmãos no Lar e que já não “*aguentavam*” estar com eles em casa. Contudo, outros jovens referiram as brigas com os irmãos, desvalorizando-as como “*coisas de irmãos*”. Este aspecto também resulta da literatura, na medida em que há conflitos entre irmãos que não encaixam no perfil de relações destrutivas (Hegar, 1988) e o conflito entre irmãos é comum (Newman, 1994). Além disso, os relatos de duas jovens separadas dos irmãos confirmaram a literatura no que concerne à separação de irmãos “rivals”, quando acompanhada de visitas, esbater o conflito e permitir interações mais positivas (Chardonneau, 2000 cit. in Whelan, 2003).

Também encontraram paralelo na literatura (Folman, 1998 cit. in Washington, 2007) os discursos dos jovens que não receberam nenhuma justificação por parte dos adultos relativamente à separação dos irmãos após o acolhimento.

Articulando os dois estudos qualitativos foi possível obter alguns pontos de contacto, o que revelou alguma consistência entre as opiniões e experiências dos profissionais da área com as opiniões e experiências das crianças e jovens em acolhimento. A “protecção”, o “suporte emocional” e a “entre-ajuda” foram aspectos que surgiram nos dois estudos, mais concretamente, como pontos positivos do acolhimento de irmãos. O mesmo sucedeu com o “cuidado” manifestado para com os irmãos, o “reforço

dos laços” fraternos ou, por outras palavras, o “fortalecimento da relação” entre os irmãos potenciados pelo convívio em acolhimento. De igual forma, o facto de os irmãos funcionarem como uma referência conhecida num universo desconhecido, e a sua presença constituir uma “continuidade” da família, i.e., um “hábito” do passado que os acompanha no presente, foram unidades que encontraram paralelo nos dois estudos. Não só os técnicos do Lar referiram nos seus discursos a “facilidade de visitas” para os progenitores decorrente do acolhimento de fratrias em Lar, mas também dois dos jovens da amostra se mostraram sensíveis a esse benefício para as mães, concretamente.

Por outro lado, os técnicos dos 4 Lares consideraram a maior frequência de conflitos (entre os irmãos e com os pares) como aspecto negativo do acolhimento de irmãos. Também alguns jovens acolhidos sem irmãos referiram que, se vivessem com os irmãos no Lar, iriam vivenciar uma relação conflituosa, com base na experiência de convívio passada.

Também foi possível encontrar algum consenso entre os critérios apontados pelos técnicos nas decisões de acolhimento conjunto ou separado com as ideias de alguns jovens a esse respeito. Foi o caso da “idade”, do “sexo”, do “abuso sexual” e da necessidade de ouvir a “opinião das crianças” e dos jovens relativamente ao acolhimento conjunto.

As crianças e jovens de ambos os grupos perceberam um suporte social elevado, tanto no que se refere ao número de indivíduos disponíveis na rede, como quanto ao nível de satisfação com o suporte percebido. Nos resultados descritivos do Questionário de Apoio Social, o facto da média de referência aos irmãos ser superior às nomeações da mãe ou do pai enquanto suporte social na família nuclear encontrou consistência com alguma literatura (Cicirelli, 1980 cit. in Hegar, 1988), na medida em que um estudo de Cicirelli (1980) concluiu que os irmãos se preferem aos pais como fonte de compreensão, ajuda, companheirismo e orientação.

Porém, as diferenças entre os dois grupos, resultantes dos questionários de suporte social, não atingiram níveis de significância estatística, facto que, provavelmente, se prendeu com a pequena dimensão da amostra, reduzindo o poder estatístico do teste. Ainda assim, obteve-se uma diferença média de 4 pontos, entre os dois grupos, relativamente ao número médio de indivíduos no suporte social e de 2 pontos no que se

refere ao nível médio de satisfação com o suporte, com o grupo acolhido sem irmãos a obter valores ligeiramente mais elevados do que o grupo acolhido com irmãos. Comparando as médias das referências aos irmãos, como fonte de suporte social, a diferença absoluta também foi de 4 pontos. Contudo, aqui o grupo que apresentou a média mais elevada foi o das crianças acolhidas com irmãos. É possível que numa amostra de maiores dimensões estas diferenças alcancem significância estatística. Ainda assim, estes valores permitem-nos concluir que as crianças e jovens acolhidos sem irmãos poderão não contar tanto com os irmãos para ajuda ou apoio social, mas não têm redes de suporte mais reduzidas nem se encontram mais insatisfeitos com o apoio recebido.

Estas considerações remetem-nos para as limitações do presente estudo, que se prendem, antes de mais, com a reduzida dimensão da amostra para a realização de estudos de natureza quantitativa, como foi o caso da análise dos questionários. Como foi referido anteriormente, e sendo este estudo de natureza puramente exploratória, preferiu-se completar a investigação do estudo 2 com o método quantitativo, fazendo face às dificuldades de expressão verbal identificadas no decorrer das entrevistas, na generalidade das crianças. Pode ser apontada como limitação ao estudo 1 o facto dos grupos focais se terem constituído com elementos da equipa técnica e da equipa educativa, factor que poderia ter inibido alguns participantes, em situação hierarquicamente inferior, de expressarem as suas percepções e experiências. Também esta questão constituiu uma opção consciente da limitação que poderia encerrar, uma vez que se pretendia a constituição de grupos o mais heterogéneos possível, ao nível de experiências profissionais e contacto com as crianças e jovens. Outra limitação do estudo 2 é o facto do grupo 1, designado frequentemente neste estudo como o grupo acolhido com os irmãos, contar com a presença de 4 crianças e jovens que já não vivem com os irmãos.

Gostaríamos de acreditar que este trabalho trouxe novas orientações a futuras investigações na área do acolhimento de fratrias, no que se refere à valorização dada ao ponto de vista dos profissionais, mas principalmente, ao das crianças e dos jovens em acolhimento. Num estudo com uma amostra maior, de natureza quantitativa, seria pertinente controlarem-se as variáveis relacionadas com a idade (criando grupos etários mais reduzidos com base no desenvolvimento cognitivo dos participantes), com os anos

de acolhimento (estabelecendo padrões mais homogéneos) e com as problemáticas familiares anteriores à retirada do meio natural de vida das crianças e dos jovens. Se possível poder-se-ia acrescentar a este potencial estudo o método da observação directa das interacções dentro das fratrias acolhidas com os irmãos, de forma a validar o resultado das entrevistas.

Pensamos que o principal contributo desta investigação, ainda assim, foi a possível combinação entre as ideias e experiências dos profissionais de Lar de Infância e Juventude com as das crianças e dos jovens, que neles vivem, com ou sem os irmãos. Foi interessante perceber que a protecção é apontada pelos técnicos dos 4 Lares como um aspecto positivo do acolhimento de fratrias e, simultaneamente, pelas crianças e jovens como uma sensação associada à presença dos irmãos no Lar. A protecção decorreu dos 2 estudos, mas não surgiu na literatura revista, remetendo para a centralidade do sentimento de segurança manifestado pelas crianças e jovens da amostra.

6 – Referências bibliográficas

- Adoption Network (2009). The Joys and the Complexities of Sibling Relationships [On-line]. Retirado em 15 de Junho de 2009 de <http://library.adoption.com/articles/the-joys-and-complexities-of-sibling-relationships.html>
- Alves, S. (2007). Filhos da Madrugada – Percursos de adolescentes em Lares de Infância e Juventude. Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Lisboa.
- American Psychological Association. (2002). Ethical principles of psychologists and code of conduct. *American Psychologist*, 57, 1060-1073.
- Azmitia, M. & Hesser, J. (1993). Why siblings are important agents of cognitive-development: A comparison of siblings and peers. *Child Development*, 63 (2), 430-444.
- Bank, S. & Kanh, M. (1997). The sibling bond. New York. Basic Books.
- Breakwell, G. (2000). Interviewing. In G. Breakwell, S. Hammond, & C. Fife-Schaw (Eds.). *Research Methods in Psychology*. London: Sage Publications.
- Cannell, C. & Kahn, R. (1951). La reunion de datos mediante entrevistas. In Festinger, L. & Katz D. (Comp.). (1992). *Los métodos de investigación en las ciencias sociales* (E. Masullo, Trad.). (310-352). Barcelona: Paidós Básica. (Obra original publicada em 1953).
- Connor, S. (2005). Information Packet: Siblings in Out-of-Home Care [On-line]. Retirado em 15 de Janeiro de 2009 de http://www.hunter.cuny.edu/socwork/nrcfcpp/downloads/information_packets/siblings.pdf
- Convenção sobre os Direitos da Criança - Resolução da Assembleia da República n.º 20/90, de 12 de Setembro. Diário da República, I Série A, n.º 211/90. Ratificada pelo Decreto do Presidente da República n.º 49/90, de 12 de Setembro. Diário da República, I Série A, n.º 211, 1.º suplemento, de 12/09/1990.
- Dunn, J. (1983). Sibling Relationships in Early Childhood. *Child Development*, 54, 787-811.
- Federação Europeia de Associação de Psicólogos (1995). Código de Ética para os

- Psicólogos. Atenas.
- Fernandez del Valle, J. (1998). Manual de programación y evaluación para los centros de protección a la infancia. Junta de Castilla y León. Gráficas Varona.
- Furman, W. & Buhrmester (1985). Children's Perceptions of the Qualities of Sibling Relationships. *Child Development*, 56, 448-461.
- Gregory, P., Sarason, B. & Sarason, I.G. (1996). Handbook of Social Support and the Family. Basic Books.
- Hagen, K., Meyers, B. & Mackintosh, V. (2005). Hope, Social Support and Behavioral Problems in At-Risk Children. *American Journal of Orthopsychiatry*, 75 (2), 211-219.
- Hegar, R. (1988). Sibling Relationships and Separations: Implications for Child Placement. *Social Service Review*, 62 (3), 446-467.
- Hegar, R. (2005). Sibling placement in foster care and adoption: An overview of international research. *Children and Youth Services Review*, 27, 717-739.
- Herrick, M. & Piccus, W. (2005). Sibling connections: The importance of nurturing sibling bonds in the foster care system. *Children and Youth Services Review*, 27, 845-861.
- Hindle, D. (2000). Assessing Children's Perspectives on Sibling Placements in Foster or Adoptive Homes. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 5, 613-625.
- James, S., Monn, A., Palinkas, L. & Leslie, L. (2008). Maintaining sibling relationships for children in foster adoptive placements. *Child and Youth Services Review*, 30, 90-106.
- Kim, H., Sherman, D. & Taylor, S. (2008). Culture and Social Support. *American Psychologist*, 63 (6), 518-526.
- King, N. (2004). Using Interviews in Qualitative Research. In Cassell, C. & Symon, G. (Eds.). (2004). Essential Guide to Qualitative Methods in Organizational Research (11-22) London: Sage Publications.
- Kosonen, M. (1996). Maintaining Sibling Relationships- Neglected Dimension in Child Care Practice. *Br. J. Social Wk.*, 26, 809-822.
- Krueger, R. & Casey, M. (2000). Focus Group: a practical guide for applied research. California: Sage Publications.

- Leathers, S. (2005). Separation from siblings: Associations with placement adaptation and outcomes among adolescents in long-term foster care. *Children and Youth Services Review*, 27, 793-819.
- Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Risco (2006). Direito de Menores (2.^a ed.). Livraria Almedina. Coimbra Editora.
- Linares, L., Li, M., Shrouf, P., Brody, G. & Pettit, G. (2007). Placement Shift, Sibling Relationship Quality, and Outcomes in Foster Care: A Controlled Study. *Journal of Family Psychology*, 21 (4), 736-743.
- Maroco, J. (2007). Análise Estatística com utilização do SPSS (3.^a ed.). Lisboa. Edições Sílabo.
- Martins, P. (2004). Protecção de Crianças e Jovens em Itinerários de Risco – representações sociais, modos e espaços. Tese de Doutoramento do Instituto de Estudos da Criança na Universidade do Minho.
- Millward, L. (2000). Focus Group. In Breakwell, G., Hammond, S. & Fife-Schaw, C. (Eds.). (2000). *Research Methods in Psychology* (pp. 303-323). London: Sage.
- Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social (2000). Lares de Crianças e Jovens – Caracterização e Dinâmicas de Funcionamento. Instituto para o Desenvolvimento Social (IDS).
- Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social (2000). Crianças e Jovens que vivem em Lar - Caracterização Sociográfica e Percursos de Vida. Instituto para o Desenvolvimento Social (IDS).
- Moreira, J., Andrez, M., Moleiro, C., Silva, M., Aguiar, P., Bernardes, S. (2002). Questionário de Apoio Social (Versão Portuguesa do “Social Support Questionnaire”): Tradução e estudos de validade. RIDEP, Vol. 13, n.º1. Universidade de Lisboa
- Newman, J. (1994). Conflict and friendship in sibling relationships: A review. *Child Study Journal*, 24 (2), 119-148.
- Ochotorena, J. & Madariaga, M. (2001). Manual de Protección Infantil. Masson, 409-467.
- Patten, P. (2000). Marital Relationships, Children and Their Friends. What’s the

- Connection? An interview with E. Mark Cummings. Parent News [On-line].
Retirado em 15 de Junho de 2009 de
<http://npin.org/pnews/2000/pnew500/int500a.html>
- Quivy, R. & Van Campenhoudt, L. (2008). Manual de Investigação em Ciências Sociais. (5.ª ed.) (Mendes, J. & Carvalho, M., Trans.). Lisboa: Gradiva (Obra original publicada em 1995).
- Roy, P., Rutter, M. & Pickles, A. (2000). Institutional Care: Risk from Family Background o Pattern of Rearing? *Child Psychol. and Psychiat.*, 41 (2), 139-149
- Ryan, H. (2002). Assessing Sibling Attachment in the Face of Placement Issues. *Clinical Social Work Journal*, 30 (1), 77-93.
- Sarason, I.G., Sarason, B. & Pierce, G. (1994). Social Support: Global and relationship-based levels os analysis. *Journal of Social and Personal Relationships*, 11, 295-312.
- Shlonsky, A., Bellamy, J., Elkins, J. & Ashare, C. (2005). The other kin: Setting the course for research. Policy, and practice with siblings in foster care. *Children and Youth Services Review*, 27, 697-716.
- Smith, M. (1998). Sibling Placement in Foster Care: An Exploration of Associated Concurrent Preschool-Aged Child Functioning. *Children and Youth Services Review*, 20 (5), 389-412.
- Staff , I. & Fein, E. (1992). Together or Separate: A study of Siblings in Foster Care. *Child Welfare*. 71 (3), 257-270.
- Stoneman, Z. & Brody, G. (1993). Sibling temperaments, conflict, warmth and role asymmetry. *Child Development*, 64 (6), 1786-1800.
- Tarren-Sweeny, M. & Hazell, P. (2005). The mental health and socialization of siblings in care. *Child and Youth Services Review*, 17, 821-843.
- Vallés, M. (1997). Técnicas cualitativas de investigación social: Reflexión metodológica e práctica profesional. Madrid: Editorial Síntesis.
- Washington, K. (2007). Research Review: Sibling placement in foster care: a review of the evidence. *Child & Family Social Work*, 12 (4), 426-433.
- Whelan, D. (2003). Using Attachment Theory When Placing Siblings in Foster Care. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 20 (1), 21-36.

- Wilkinson, S. (2003). Focus Group. In Smith, J. (Ed.). (2003). *Qualitative Psychology. A practical guide to research methods* (184-204) London: Sage Publications.
- Wulczyn, F. & Zimmerman, E. (2005). Sibling placements in longitudinal perspective. *Children and Youth Services Review*, 27, 741-763.
- Zurita, J. & Fernandez del Valle, J. (2000). El acogimiento residencial en la protección a la infancia. Ediciones Pirâmide.